

## TEMA

Cooperação Interorganizacional: Caracterização

## CATEGORIA

Valorização Atribuída à Cooperação – VAC

Rep.	Unidades de Registo
<b>OS1</b>	“Eu posso falar mais é entre a cooperação estabelecida entre a escola e aqui o hospital, esta estou por dentro, com as outras organizações, CsS e o [outro] hospital não, mas penso que terá mais ou menos as mesmas características. Eu relativamente à cooperação estabelecida entre a escola e as restantes organizações, em meu entender deveria ser mais robusta essa cooperação, isto não quer dizer que não haja cooperação”
<b>OS2</b>	-----
<b>OS3</b>	“Penso que é importante, além de ser importante para os CsS e Hospitais, penso que é uma mais-valia”
<b>OS4</b>	-----
<b>OS5</b>	“Penso que a cooperação entre a escola e as OsS poderia ser mais desenvolvida”
<b>OS6</b>	“A cooperação estabelecida entre a escola e as OsS é muito importante quer para dar apoio aos alunos que vêm quer até para os próprios profissionais terem conhecimento acerca dos alunos que vão receber”
<b>OS7</b>	“É difícil dizer qual o grau de importância, mas portanto não será difícil dizer que é muito importante. É muito importante em minha opinião na formação de base e é muito importante também na formação para pós-graduações ou de especialidades”  “A minha opinião é de que é fraca. E em termos particulares do local onde trabalho, é uma cooperação muito fraca, se bem que algumas das bases já estejam lançadas”
<b>OS8</b>	“(…) eu acho que em termos de cooperação, estamos a trabalhar um pouco afastados. Temos interesses, trabalhamos com os alunos que são o nosso elo de ligação, mas falta relacionamento entre as duas vertentes”

<b>OS9</b>	“Connosco a cooperação tem sido boa, não tem havido problemas até porque sempre que temos situações para resolver a escola dá-nos o apoio que é preciso, às vezes precisávamos era de um bocadinho mais de apoio físico do professor, estar mais presente”
<b>OS10</b>	-----
<b>OS11</b>	“A escola limita-se a celebrar os contratos com as instituições e nós aceitamo-los como válidos, entretanto nós sentimos que nos falta o tal feedback da escola, deveria haver mais diálogo entre a escola e as OsS durante a orientação, para podermos saber se temos que alterar algum procedimento. Mais comunicação, é basicamente isso”
<b>OE</b>	“Penso que é um aspecto muito benéfico e uma mais-valia para as instituições envolvidas e penso que sobretudo permite estreitar laços e aprofundar relações desenvolvendo projectos comuns, penso que são as principais mais-valias que vejo em relação à partilha, à cooperação estabelecida entre a escola e as organizações”

## TEMA

Cooperação Interorganizacional: Caracterização

## CATEGORIA

Objectivos e Finalidades – OBF

Rep.	Unidades de Registo
OS1	<p>“(…) há cooperação dentro daquilo que é o estritamente necessário para que se desenvolvam as actividades curriculares dos alunos, quando há um pedido de estágio para os alunos, há a cooperação necessária para que o estágio seja bem preparado, avaliado, bem conseguido, fora disso, eu não tenho de facto, posso estar enganado, não tenho de facto visto grande cooperação além disto, ... não estou com isto a dizer que seja da parte da escola ou da parte do hospital que não há vontade, mas nunca vi, sinto que há necessidade de haver mais cooperação, lembro-me que há 15-16 anos atrás penso eu que havia mais cooperação nomeadamente com a ida de alguns enfermeiros à escola dar aulas, eu sei que isto agora, agora é diferente, agora vão alguns mas em muito menos volume, percebo isto porque a escola também aumentou os recursos, tem mais pessoas disponíveis para dar aulas do que tinha na altura, mas eu acho que de todo seria bom”</p> <p>“(…) já houve situações em que foram geradoras de conflito a forma como se estabelece essa interacção entre o professor da escola e os profissionais e digo isto com conhecimento de causa, o que levou a que ambas as partes se afastassem, “não vamos lá porque chegamos lá e os profissionais ficam logo de pé atrás com a gente” e os profissionais “não vale a pena falarmos com os professores porque estão a uma distância muito grande”, mas se houvesse mais pro-actividade eu não tenho dúvidas que se melhorava o desempenho de ambas as partes, não só dos profissionais, mas também dos professores, enquanto estratégias do ensino de enfermagem”</p>
OS2	<p>“(…) penso que a cooperação, até à actualidade, se tem mantido em torno da realização dos ensinos clínicos, ainda que, por exemplo, eu pessoalmente já tive oportunidade de participar na escola em aulas, em sessões lectivas relacionadas com a gestão, no CCFE, em que tivemos a perspectiva do enfermeiro supervisor,</p>

	<p>do enfermeiro chefe, do enfermeiro especialista e enfermeiro graduado, creio que eram estas quatro categorias e fomos quatro elementos que eu, aqui localmente seleccionei, a pedido da escola. Fomos fazer essa apresentação na escola, foram pessoas da prática, ainda que da prática da área de gestão, à escola expor os seus conhecimentos, os conhecimentos adquiridos na prática e os conhecimentos que necessitaram de adquirir para fazer esse tipo de gestão”</p> <p><b>“Como considerou essa experiência? Pensa que se deveria repetir?”</b></p> <p>“Foi útil, penso que se deveria repetir mais vezes eventualmente com elementos que..., porque eu não sei, tenho uma ideia que pode não corresponder à realidade, mas da minha experiência, (...) portanto afastei-me um bocado da prestação de cuidados, apesar de fazer um esforço para me manter actualizada, há coisas que vão acontecendo e nós, pelas responsabilidades que temos no momento, ou pelo desempenho que temos em determinado momento ficamos um pouco mais longe de onde as coisas estão a acontecer e em relação às escolas pelo menos em relação a alguns professores, dá-me a sensação que isso também acontece um pouco, as pessoas nas escolas acabam por deixar, a não ser que procurem activamente colocar-se a par das últimas tendências, mas algumas pessoas dá-me a sensação que ficam um pouco afastadas da realidade ou pelo menos em relação a algumas realidades que também são múltiplas”</p>
<b>OS3</b>	<p><b>“Esta cooperação tem sido mais para o estágio ou têm sido desenvolvidos outros trabalhos?”</b></p> <p>“Não, tem mais a ver com os estágios das escolas”</p> <p><b>“E entre as OsS do distrito? Costumam fazer actividades de formação conjuntas?”</b></p> <p>“Fazemos mais com os centros que estão mais na nossa área geográfica, pronto se forem formações pedidas pela entidade regional, então aí somos todos”</p>
<b>OS4</b>	<p>“Bom, eu poderei começar a minha intervenção dizendo que... ou melhor, desejando que a cooperação entre as unidades de saúde e a escola, no âmbito da cooperação, seja o mais salutar possível, isto é, penso que a escola como entidade formadora e nós como unidades de saúde, de certo modo temos essa responsabilidade na condução dos alunos em estágio, portanto a nossa</p>

	importância e a nossa cooperação com a escola deve ser o mais salutar, foi esse o termo que utilizei, na perspectiva de se alcançar os objectivos dos formandos, é este o meu ponto de vista”
<b>OS5</b>	“(…) o meu envolvimento nesta situação põe-se pela parte da chefia, tem-se colaborado bastante com a escola em relação a estágios, aos ensinamentos clínicos dos alunos e a cooperação tem sido baseada apenas em relação aos ensinamentos clínicos”
<b>OS6</b>	<p>“A cooperação feita até agora em termos de orientação dos estágios tem sido bastante boa tem havido uma programação dos estágios em termos de objectivos, quais são os objectivos que a escola pretende com esses estágios, para também dentro das OsS se adaptar as actividades aos alunos que recebemos. O CS coopera na orientação de estágios desde que cá estou, só posso falar desde essa altura, (…) têm sido projectos bastante interessantes, mas só mais na área de estágios e ensinamentos clínicos, em termos de outras actividades, por exemplo EpS, seria muito positivo também haver uma cooperação, mas muitas vezes devido à distância geográfica é um pouco mais complicado, mas era uma actividade que já gostaríamos de ter feito com a escola, aproveitarmos os recursos da escola, porque o CS desenvolve muitas actividades ao nível de EpS na comunidade e temos essa dificuldade. Em termos de investigação até ao momento não tivemos nenhuma cooperação, mas estamos sempre disponíveis para essa situação”</p> <p>“ 2007/2008 não se efectuaram actividades formativas em cooperação [entre as OS], porque cada CS tinha o seu plano de formação próprio. Quando por motivo de amizade era comunicado actividades de interesse noutra instituição poderia haver participação, mas só ocasional”</p> <p><b>“Que organizações participaram?”</b></p> <p>“H2 e CsS X e Y [OS2 e OS10], por proximidade geográfica”</p>
<b>OS7</b>	“Que eu me lembre mais nenhuns, não tenho tido conhecimento que tivesse havido qualquer outro tipo de projectos, sem serem os estágios ou ensinamentos clínicos de alunos”
<b>OS8</b>	“O conceito de cooperação para mim significa que tem algo a ver com a interajuda entre estabelecimentos que têm objectivos, Que têm interesses uns por um lado outros por outro, para a escola será permitir que algumas competências dos

	<p>alunos se desenvolvam na área da prática clínica, da prática de enfermagem. Para os serviços também existem outros interesses nomeadamente no desenvolvimento dos próprios enfermeiros, desenvolverem os seus próprios conhecimentos, desenvolverem o seu currículo porque colaboram com a formação de alunos, portanto há sempre estas inter-ajudas, estes interesses comuns”</p>
<b>OS9</b>	<p>“O principal objectivo é a aquisição de conhecimento mútuo. Os alunos e a escola aprendem connosco, mas ao mesmo tempo nós também aprendemos”</p> <p><b>“Que tipo de actividades formativas foram efectuadas em conjunto pelas OsS aqui em estudo?”</b></p> <p>“Cada organização elabora as suas próprias actividades formativas porque em conjunto não se tem realizado”</p>
<b>OS10</b>	<p>“Não tem havido muita cooperação, apenas para o estágio, com reuniões entre nós onde temos facilitado a vinda de alunos para fazer estágio no nosso CS”</p> <p><b>“Em termos de actividades formativas conjuntas, só acontecem os estágios ou há outro tipo de actividades formativas?”</b></p> <p>“Até agora só temos tido os estágios”</p> <p><b>“E entre as OsS do distrito que actividades formativas foram efectuadas em conjunto desde há cerca de um ano?”</b></p> <p>“Actividades conjuntas só as que são organizadas pela [entidade regional]. Houve um convite a um enfermeiro de outro CS a deslocar-se ao nosso para apresentação de um tema relacionado com a sua área de especialização”</p>
<b>OS11</b>	
<b>OE</b>	<p>“(…) penso que ainda relacionado com o que me perguntou acerca das finalidades, porque é que considero que é importante haver estes projectos de cooperação, penso que e como já disse anteriormente, valoriza o relacionamento entre as instituições, optimiza a relação pedagógica no sentido do desenvolvimento pessoal e técnico tanto dos alunos como dos profissionais que estão envolvidos, pretende e isto é amplamente debatido, adequar a teoria à prática, não só numa perspectiva de mudança, mas também como uma relação dual em que se melhora a prática se os “teóricos” (entre aspas) se nós formos aos contextos e ao mesmo tempo os</p>

professores que acompanham os alunos, apercebem-se da realidade dos contextos de trabalho e penso que essa dissociação que existe entre a teoria e a prática é de alguma forma minimizada. E penso ainda que com esta relação de partilha como já defini anteriormente, promove não só um aprofundar das relações mas ao mesmo tempo permite quando as coisas são sistematizadas, quando esta cooperação é feita de uma forma sistematizada permite levar a objectivos comuns e de alguma forma consolidar o relacionamento entre as instituições”

“As actividades formativas prendem-se essencialmente com a prática dos nossos alunos, com as experiências em contexto real, quer a nível dos CSP quer a nível dos cuidados diferenciados, da parte hospitalar. Aqui há uns tempos colaborávamos também na formação em serviço, umas vezes de uma forma mais activa e outras vezes como... e isso acontece ainda embora com muito pouca frequência, como consultores, a escola os professores da escola são de alguma forma abordados para dar o seu parecer sobre determinados assuntos quer em relação aos CsS, quer em relação aos hospitais, mas penso que este era um dos aspectos que eu gostava de ver melhorado em termos futuros, penso que podemos ser muito mais úteis uns aos outros”

## TEMA

Cooperação Interorganizacional: Caracterização

## CATEGORIA

Recursos Partilhados Actualmente – RAP

Rep.	Unidades de Registo
OS1	<p>“(…) as vagas disponibilizadas, isto neste momento está anulado, porque toda a gente já fez, isso é uma coisa que está anulada, quer dizer esse protocolo que existe na minha opinião já deveria ter sido reformulado, foi um protocolo feito pelas organizações num contexto completamente diferente daquele que é agora, mas isso é quem decide ao mais alto nível, porque na minha opinião é um protocolo mais vantajoso para a escola do que para o hospital”</p>
OS2	<p>“Eu penso que até à actualidade os únicos recursos foram o local em si, meios físicos do local e recursos humanos em termos de profissionais de enfermagem, enfermeiros chefes e enfermeiros da prestação de cuidados que colaboram na formação, não tenho ideia de haver partilha de mais recursos”</p> <p><b>“Indicou-me os recursos que este hospital partilhou com a escola, e a escola, dá contrapartidas?”</b></p> <p>“Há alguns anos, eu penso que ultimamente isso não tem estado a acontecer, pelo menos nunca mais tive notícia, davam-nos informação mensal, não me recordo bem a periodicidade mas talvez fosse mensal, das existências em termos de publicações que existiam na biblioteca da escola, tipo ... sumário das publicações, mas nunca mais vi. Em todo o caso nós recebíamos essa informação. Mas também tenho a noção, a ideia que formei, é que não era utilizada, eu pessoalmente nunca utilizei, alias quando fiz o curso de pós graduação ainda utilizei. Eu até utilizei a biblioteca da escola mas na perspectiva de ser aluna do Curso de Pós-graduação, ainda que eu saiba que enquanto enfermeira deste hospital poderia lá ir, sei isso, mas talvez a distância seja mais uma vez o motivo por não haver tanto esse recurso, talvez se eu morasse mais perto, talvez recorresse mais à biblioteca da escola, sabendo que podia fazê-lo. Os enfermeiros do hospital, recorrerem aos</p>



	<p>livros e publicações periódicas que a escola possui na sua biblioteca, penso que também o fizeram em contexto de CCFE. Mas em todo o caso a escola informava-nos e se nós quiséssemos tínhamos utilizado. Ultimamente não tenho notícia dessa informação chegar”</p> <p><b>“Falou-me no complemento de formação, os enfermeiros usufruíram de vagas especiais?”</b></p> <p>“Essa foi uma área em que houve uma partilha que acho que foi um bom exemplo de articulação entre a escola e esta instituição, porque penso que também não aconteceu em todo o país ou com todas as Escolas, em 99 foi estabelecido um protocolo ou pelo menos um acordo de cavalheiros, no sentido de os enfermeiros do hospital, terem oportunidade de fazer o complemento de formação de forma mais ou menos organizada, sem criar problemas aos próprios serviços, como poderia ser o afastamento de vários elementos ao mesmo tempo. Portanto, todos os enfermeiros que estavam no Hospital nessa época, e mais alguns que foram recrutados depois no entanto, foram fazendo o CCFE de forma organizada e essa foi uma boa área de cooperação”</p>
<b>OS3</b>	<p>“Partilhamos tudo o que podemos com os alunos [OE] o máximo de informação que podemos dar para que também aproveitem o máximo dessa informação, e em todos os aspectos, recursos humanos, materiais, temos uma preocupação de colocar os alunos à-vontade”</p> <p>“As escolas, quando nós aceitamos alunos para estágio, os nossos enfermeiros têm um X para entrar nas especialidades”</p> <p><b>“Isso tem a ver com os protocolos? Já houve enfermeiros que usufruíram?”</b></p> <p>“Sim, pelo menos na questão do complemento”</p>
<b>OS4</b>	<p>“Relativamente à partilha, tem sido nós da nossa parte receber e desenvolver toda a componente de estágio com os alunos e da parte da escola e da parte da escola tem havido reciprocamente essa partilha, por exemplo da parte dos complementos de formação foi talvez uma das últimas formações a ser desenvolvida e portanto acho que a partilha é efectiva”</p>
<b>OS5</b>	<p>“Os recursos, são essencialmente os recursos humanos a nível de profissionais,</p>

	além disso também nos é facultado em relação á formação na escola nos cursos de especialidade, CCFE, vagas para os CSP, essencialmente é nesse aspecto”
<b>OS6</b>	-----
<b>OS7</b>	-----
<b>OS8</b>	-----
<b>OS9</b>	“São os recursos humanos, depois em termos de formação temos colegas que fizeram o complemento de formação ao abrigo de um protocolo que existia na altura entre a escola e os nossos serviços e recursos bibliográficos, que muitas vezes os colegas utilizam a biblioteca da escola para pesquisa. Nós disponibilizamos os recursos humanos e materiais que temos para a orientação e trabalhos dos alunos”
<b>OS10</b>	“Usufruiu, quase todos os enfermeiros ou a maior parte fez o seu complemento na escola e logo nos primeiros cursos, eram enfermeiros já com alguns anos [de serviço] e senti que houve cooperação por parte da OE”
<b>OS11</b>	-----
<b>OE</b>	“São partilhados sobretudo recursos humanos quer a nível dos professores, quer a nível dos enfermeiros ou orientadores e formadores dos locais onde os nossos alunos vão fazer a prática, são também partilhados materiais, recursos materiais quer a nível de equipamento informático e equipamento audiovisual, espaços, nomeadamente salas de aula, o centro de documentação com todo o apoio que temos, da bibliografia por exemplo que temos disponíveis, há ainda também dois aspectos que estão contemplados nos nossos protocolos que têm a ver com o numero de vagas que a escola estabeleceu e que até agora tem rondado os dez por cento, quer para o complemento de formação, quer para formação pós-graduada além disto também está previsto embora só uma ou duas vezes tenha sido utilizado, que existem vagas quando há actividade pedagógico-científicas, nomeadamente palestras, visitas de estudo ou assim, para os enfermeiros das instituições de saúde com quem temos protocolos, por isso podem-nos acompanhar nessas actividades, assim como também há um número de vagas que é definido pelo departamento de formação permanente para que os docentes possam ir frequentar acções de formação no hospital”

**“Isso tem sido aproveitado?”**

“Não muito, ao princípio..., cá está, por isso é que eu digo que tem a ver um pouco com quem está a dirigir no momento quer o departamento, quer as próprias instituições, mas ao princípio eles tinham sempre a preocupação de mandar para a escola”

**“E agora não? Não têm mandado?”**

“Não, ultimamente não têm mandado. Aquilo que a escola fez até há algum tempo, mas que agora também suspendeu, porque nos pareceu que não tinha grande utilidade para as instituições, era, nós enviava-mos regularmente o nosso boletim bibliográfico, da escola, mas ultimamente também não o temos feito porque nunca nos foi solicitado nada, e perguntei, antes de suspender perguntei e aquilo que me foi referido era que a maior parte das vezes ficava ali numa pasta, mas que era consultado”

[Interrupção na conversa]

**“Pode continuar.”**

“Em relação, gostava de acrescentar também um aspecto que tem a ver também directamente com a formação em que um dos pontos que está contemplado, e que é feito, no nosso protocolo de cooperação, é que deve haver um convite preferencial aos enfermeiros dos locais onde os nossos alunos fazem o estágio para vir leccionar aspectos específicos nas mais diferentes áreas, e isso tem-se verificado”

## TEMA

### Cooperação Interorganizacional: Caracterização

## CATEGORIA

Normas e Valores de Adesão – NVA

Rep.	Unidades de Registo
OS1	<p>“Eu acho que tem a ver com uma cultura já longa”</p> <p>“De acordo com os estágios pedidos, quando chega a mim, eu vou contactar com os enfermeiros chefes ou responsáveis dos serviços e coloco sempre a mesma questão: Está pedido este estágio pela escola, nesta dada assim-assim e com estas condições, tantos alunos, há condições para que ele aconteça? E o enfermeiro chefe diz-me há ou não há e na maior parte dos casos, não em todos os casos para a Escola X, há sempre condições e é feito o possível para que haja, muitas vezes acontece, “é, tantos alunos, vê lá se podem vir menos?” e eu depois contacto a escola e dizem, tem que ser mesmo assim, e as pessoas resignam-se, e o que é que havemos de fazer, “é a nossa escola” (...) mas o circuito é este, eu recebo o ofício, faço cópias, entrego a cada enfermeiro chefe e faço sempre a mesma questão, nunca é o hospital que impõe, tal dia vêm tantos alunos, é solicitado ao chefe que diga se aquele estágio é possível de acontecer ou não. Sendo possível, o chefe planeia o estágio na agenda dele, afixa no serviço, avisa a equipa e o estágio acontece...”</p> <p><b>“Se eu lhe pedisse que me indicasse alguém que me ajudasse a conhecer melhor esta realidade indicava-me o chefe, é?”</b></p> <p>“Neste caso para o estágio são os chefes”</p>
OS2	<p>“Bom, as razões são múltiplas, e a primeira se calhar até é a tradição. Isto já começou há muito tempo, as OsS serem envolvidas na colaboração da realização de estágios ou ensinios clínicos, ou como se queira chamar, mas mesmo essa tradição assenta muito na consciência da classe profissional de enfermagem que tem que participar, cooperar na formação dos seus novos membros, eu penso que isso é o fundamental, e mesmo que existam leis nesse sentido, penso que ainda</p>

	<p>assim a razão fundamental será essa consciência, que por vezes poderá até não ser uma consciência muito “consciencializada”, em termos da pessoa dizer “ai eu quero participar na formação dos novos enfermeiros” mas é uma consciência colectiva que foi sendo criada ao longo dos tempos, mas por outro lado e isto no ponto de vista da gestão para os enfermeiros chefes, para os enfermeiros supervisores, para os enfermeiros directores o prestígio que a instituição ganha por participar na formação de novos profissionais de enfermagem e o incentivo aos seus enfermeiros prestadores de cuidados de se manterem mais ou menos actualizados, ao se envolverem na formação de outros, deles próprios fazerem alguma pesquisa, que por vezes necessitarão de fazer em determinado momento, para colaborarem na formação de outros profissionais”</p>
<b>OS3</b>	<p>“(…) penso que é uma mais-valia, pois o CS que serve para cooperar com a Escola, penso que não é só por ser da zona, também tem a ver com as suas capacidades, de receber os alunos e de ajudar na formação”</p> <p><b>“Porque razão este CS coopera na orientação de estágios?”</b></p> <p>“Para já pelo protocolo que tem, e em segundo porque eu penso que desde antigamente, desde que aqui estou, que me lembro que este CS recebia alunos para estágio, principalmente da escola [do distrito]”</p> <p><b>“E os enfermeiros desde CS porque razão cooperam?”</b></p> <p>“Alguns porque também passaram por cá como alunos estagiários e também porque é uma valorização em termos de carreira profissional, e gostam!”</p> <p><b>“Gostam?”</b></p> <p>“Sim, estão sempre a perguntar se não há alunos”</p>
<b>OS4</b>	<p>“O que me leva a cooperar é que como profissional de saúde e como representante desta casa, desta unidade de saúde, temos também a nossa responsabilidade na formação, na medida em que teremos necessariamente que ser também formadores no percurso formativo destes formandos, a escola por um lado e naturalmente as instituições de saúde por outro no aspecto prático”</p>
<b>OS5</b>	<p>“Acho que primeiro são as razões profissionais porque enquanto enfermeira devemos cooperar no sentido de sermos formadores de outros enfermeiros essa é a</p>

	<p>principal razão, depois outras razões que me levam a cooperar é porque há sempre uma grande ligação à escola X. porque é a nossa escola de formação de base, mas mesmo com outra escola que não tivesse grande ligação, penso que cooperava na mesma, porque penso que é uma experiência que é enriquecedora para nós enquanto profissionais, mas acho que é essencialmente por razões profissionais, apesar das razões pessoais e afectivas ligadas à escola também serem importantes e de conhecermos as pessoas, isso também nos leva a estabelecermos uma boa cooperação, mas essencialmente razões profissionais”</p>
<b>OS6</b>	<p>“A razão porque se colabora, tem a ver com ambas as partes, primeiro para dar uma resposta à escola, porque as escolas necessitam que as OsS colaborem com elas, darmos uma resposta por termos do distrito e por eticamente termos esta obrigação de darmos resposta aos nossos alunos, porque futuramente poderão ser os profissionais destas organizações e também porque é muito positivo para os profissionais das instituições, quando têm alunos, têm um cuidado redobrado, também é uma motivação para os próprios profissionais passarem um pouco dos conhecimentos que têm, existe uma responsabilidade perante uma instituição de fora em termos de saber estar, passar conhecimentos quer práticos quer teóricos e também absorver um pouco aquilo que os alunos trazem”</p> <p>“Faço sempre um acompanhamento directo quer seja com os alunos, sou sempre o elo de ligação, porque muitas vezes reúno os alunos, falo um pouco com eles para saber, porque até por exemplo podem surgir incompatibilidades entre os alunos e alguns profissionais e como não estou “no terreno” junto deles, gosto de saber como é que as coisas funcionam e então procuro ser sempre o elo de ligação com o exterior, com a escola, entre os alunos e os profissionais, procuro sempre que apesar, dos alunos terem um orientador de estágio, procuro sempre encaminha-los para alguns elementos que eu acho que é positivo eles terem contacto e irem em actividades com outros profissionais (enfermeiros), porque vejo nesses profissionais uma mais-valia em termos de transmissão de conhecimentos, noutras áreas que se calhar os orientadores não têm, e procuro estar sempre a par de todas as situações para poder gerir conflitos, situações de mau estar ou... para que os estágios corram sempre o melhor possível”</p> <p><b>“Tem algum cuidado especial na escolha dos orientadores?”</b></p>

“Sempre, tenho vários parâmetros que procuro sempre respeitar, procuro sempre que seja uma pessoa coerente, correcta, uma pessoa que tenha paciência por assim dizer, para ter um aluno e que goste de transmitir os conhecimentos que tem, seja uma pessoa que saiba estar porque sou uma pessoa que dá muita importância ao saber estar quer na profissão de enfermagem, quer nos alunos de enfermagem, procuro sempre que sejam pessoas que saibam fazer e que tenham conhecimentos suficientes para poderem abranger as áreas a nível dos CSP, como no entanto tenho algumas áreas com elementos que são muito bons nessas áreas, procuro que os alunos tenham contacto nas diferentes áreas, estou-me a lembrar por exemplo a equipa que tenho de apoio domiciliário, é uma equipa que valorizo muito, porque acho que é uma equipa muito boa, mas que não têm propriamente muita prática diária em termos de EpS a grandes grupos, têm a pequena prática individual, de ensinamentos individuais, aí têm e que considero muito importante, a nível de EpS a nível de comunidade de grupo, não é muito utilizada a nível do apoio domiciliário, então como tenho outros elementos que a sua actividade se baseia muito em termos de EpS em termos comunitários de grupo, procuro que os alunos também possam ter essa experiência e tentamos sempre jogar dentro de um estágio com algumas áreas, porque é sempre positivo e de mais-valia que eles levem conhecimento do que são os CSP em geral, para não terem uma noção só de um lado dos CsS”

“(…) é um dos estágios mais importantes num curso de enfermagem, porque até as condições são diferentes daqueles que são feitos a nível hospitalar”

“No CS [OS6] os profissionais gostam de ter alunos, gostam de ter alunos porque também acho que se sentem motivados a passar um bocadinho os seus conhecimentos e porque os alunos que temos tido são alunos que criam um bom relacionamento a nível de partilha de conhecimentos e até pessoal com os profissionais, e tenho um grupo de profissionais relativamente novo que está muito desperto para a formação dos alunos”

**“Os orientadores, são de uma forma geral os mesmos ou vai rodando na equipa, tendo em conta as suas características como já disse?”**

“Depende dos estágios mas em geral não tenho grande rotatividade, porque eu tenho ao nível do CS, a nível de estágios tenho duas parcerias com a escola (X) e

	<p>com a escola (Y), em que recebo alunos em estágios diferentes e isso também me leva a que os coloque em serviços diferentes e como eu tenho elementos que são rotativos, mas em certos serviços tenho elementos mais fixos e acabam por ser sempre esses elementos o que considero não ser uma desvantagem, porque eles próprios vão conhecendo o tipo de alunos que vão tendo e também vão fazendo a comparação entre eles, porque se tiver elementos muito diferentes, a avaliar o mesmo tipo de alunos pode não haver uma avaliação tão correcta, enquanto que tenho a nível do apoio domiciliário dois elementos e se tenho dois alunos são distribuídos pelos dois elementos e se tenho um aluno, uma vez fica um, outra vez fica outro, mas em geral a avaliação é feita em conjunto, porque são dois elementos que estão sempre com esses alunos e eles próprios fazem um bocadinho a comparação, estão mais despertos, porque sabem o que os alunos anteriores fizeram e também dão ideias para que se façam coisas novas ou se dê continuidade a trabalhos que foram deixados por alunos anteriores e também porque perante as características que eu gosto que os enfermeiros tenham, dos enfermeiros todos, não tenho todos como orientadores de estágio”</p>
<b>OS7</b>	<p>“Em primeiro lugar porque é algo que vem de trás. É tradicional em enfermagem que os mais velhos ajudem a preparar os mais novos. É algo que todos nós, que somos profissionais e que já passámos por essa fase, sentimos um bocado a obrigação de cooperar e contribuir para a formação dos futuros profissionais, porque isso já foi feito connosco. Por outro lado, a vinda de jovens estudantes, embora na situação que já foi dita anteriormente, é sempre algo de novo e estimulante. São sempre pessoas novas que chegam aos serviços e, sobretudo, é uma forma das instituições cativarem futuros profissionais. E também tem a ver com o bom relacionamento, apesar de não ser o ideal, que existe com as instituições escolares e os seus professores”</p>
<b>OS8</b>	<p>“(…) em enfermagem sempre se viu a prática nos serviços como sendo essencial para a formação, e todos os enfermeiros gostam de receber alunos porque isso permite-lhes até rever os conceitos, estar com pessoas mais novas, aprender também, sentem-se mais estimulados e sentem que é um trabalho importante”</p> <p>“(…) os enfermeiros percebem que ao cooperar na formação de alunos são mais valorizados por isso, em termos curriculares, em termos de reconhecimento até</p>



	<p>entre os colegas existe não digo competição, mas reconhecem quem são os enfermeiros que mais recebem alunos, e porque motivos, e alguns enfermeiros que estão mais afastados dos objectivos das escolas sentem que não estando em determinados serviços acabam por ser prejudicados por não estar a acompanhar alunos, não só no desenvolvimento curricular mas também porque sentem que ao não ter alunos eles próprios não acompanham esse desenvolvimento”</p>
<b>OS9</b>	<p><b>“Porque razão, cooperam na orientação de estágios?”</b></p> <p>“Penso que principalmente devido à troca de informação que se faz com os alunos e com a escola, conseguimos aprender e até relembrar coisas que já tínhamos esquecido e que com os alunos e durante o estágio conseguimos reavivar. Eu acho que há partilha de conhecimentos e penso que também é essa a razão porque os enfermeiros aceitam cooperar na orientação”</p> <p><b>“Os enfermeiros e o CS gostam de receber os alunos e cooperar no estágio?”</b></p> <p>“Gostam, aqui no CS gostam, porque se não gostassem, diziam-me: olha não quero ter alunos, porque eu lembro-me que, já há muito tempo, mas havia um colega que nunca queria ter alunos e neste momento aqui eles dizem-me: olha quando houver, eu não me importo e eu até tenho uma escala definida, porque às vezes não vêm alunos suficientes para cada enfermeiro e então vão passando por escala, ainda nunca me disseram que não queriam orientar alunos, pelo contrário”</p> <p><b>“De uma forma geral todos os enfermeiros orientam alunos?”</b></p> <p>“De momento só há um colega que ainda não coloquei a orientar, é mais novo, acabou o curso há pouco tempo e é preciso um bocadinho de calma”</p>
<b>OS10</b>	<p>“Eu penso que é sempre uma mais valia colaborar com o estágio, leva por vezes até os enfermeiros a trabalharem de forma diferente, a aperfeiçoarem as suas técnicas e a vinda dos alunos traz-nos sempre coisas novas, diferentes, até com os utentes é muito bom”</p>
<b>OS11</b>	<p>“Os motivos? Eu acho que todos nós gostamos de ensinar, transmitir conhecimento, dar a conhecer a nossa realidade, da importância do nosso trabalho, das acções que o enfermeiro de CSP desenvolve junto da comunidade, que são muito diferentes da parte hospitalar, que a parte da saúde na comunidade ainda é</p>

	<p>vista como o parente pobre da saúde, de como ela é importante, nós é que temos o trabalho de modificar hábitos, comportamentos, no sentido da adopção de uma vida saudável. Temos vontade de sempre melhorar e tentamos transmitir estes valores aos alunos, inculcar este espírito de necessidade de conhecimento contínuo, como uma mais-valia. E os profissionais também, até porque na escola dão essa matéria e até falava aqui há dias de uma situação um inquérito, [situações de catástrofe/simulacros], que nós nunca demos, faz-nos pensar, ter alunos dá outra dinâmica ao serviço, nos meios pequenos é uma novidade, os profissionais gostam”</p>
OE	<p>“Acaba por ser um pouco por necessidade, mas penso que também é importante quando duas ou mais instituições têm sobretudo um fim comum, considero neste caso que se nos reportarmos à formação, cada um nos seus diferentes contextos, penso que é importante existir este tipo de cooperação porque nos leva a que aja uma harmonização de procedimentos, que estejamos mais em sintonia, que nos conheçamos melhor, o que facilita não só o aprofundar de relações, mas ao mesmo tempo que se construa um caminho comum”.</p> <p><b>“Pode-me indicar o percurso que se estabelece entre o pedido de cooperação e o efectivo da mesma? Descrever o percurso enquanto responsável pela organização em primeiro lugar”</b></p> <p>“Sim. A nível interno, dentro da escola, as diferentes vertentes e depois de aprovado em conselho científico o plano de actividades das diferentes áreas”</p> <p>[Interrupção]</p> <p>“O pedido de estágio resulta de uma reunião prévia com os coordenadores de área [Vertente] que por sua vez falaram com os elementos daquela vertente para que eles se pudessem aperceber das preferências dos alunos, na escolha dos locais ou campos de estágio, depois disso eu vou como coordenadora, eu vou fazer o apanhado dos diferentes locais, número de alunos e período em que as experiências se vão desenvolver e depois peço à direcção da escola, CD que formalize o pedido junto do presidente do conselho de administração e das diferentes instituições para onde os alunos vão efectuar a sua experiência”</p> <p><b>“É o Conselho de administração que responde?”</b></p>

“E depois quem responde à direcção da escola é o conselho de administração das diferentes unidades e por sua vez a direcção da escola dá-me conhecimento como coordenadora e eu depois envio quer para os colegas responsáveis pelas diferentes vertentes, quer para os colegas [professores] envolvidos nas diferentes experiências”

**“E quem estabelece contactos com as diferentes organizações?”**

“São ou os coordenadores das vertentes ou os professores que vão ficar responsáveis pelas diferentes experiências, os interlocutores privilegiados são os docentes responsáveis pelas experiências”

**“Pode-me indicar as pessoas a quem me devo dirigir aqui na escola para melhor conhecer esta realidade?”**

“Aqui são os coordenadores de área e os elementos [professores] que o conselho científico tiver estabelecido quando fez a distribuição do trabalho docente, quem estiver adstrito à orientação desse estágio, isto internamente. Externamente, aos enfermeiros chefes ou orientadores, penso que serão as pessoas que melhor conhecem o circuito”

## TEMA

A Rede de Cooperação para a Orientação do Estágio: Características e Dinâmicas

## CATEGORIA

Estrutura da Rede (Perspectiva dos Dirigentes) – ESR

Rep.	Unidades de Registo
OS1	“(…) depois depende da área da escola, há enfermeiros que vêm cá falar directamente com o chefe, que também pedem uma reunião com os enfermeiros orientadores, pronto isso é já depois, mas neste momento o circuito é este [também chega um ofício com pedido formal]”
OS2	
OS3	<p><b>“Gostaria de desenvolver outras actividades conjuntas no âmbito da formação e com outras organizações, não serem só as mais próximas?”</b></p> <p>“Não me fazia diferença, até era bom para nós, mas às vezes também é um bocado complicado, a distância, é que nós estamos mesmo aqui na pontinha do distrito”</p>
OS4	-----
OS5	<p><b>“Que percurso se estabelece entre o pedido de estágio e a operacionalização?”</b></p> <p>“Até agora a informação vem da direcção de enfermagem e depois geralmente sob a forma de telefonema do professor da escola directamente connosco a informar e combinar a melhor forma de operacionalização do estágio”</p> <p><b>“Então em termos formais recebe...”</b></p> <p>“Informação escrita do número de alunos. Primeiro também recebo uma informação ou contacto da escola no intuito de saber quantos alunos poderei ter em determinado período e depois vem então a informação por parte da direcção de enfermagem já com o período de estágio e com o nome dos alunos que vêm ter connosco”</p> <p><b>“Então trata, vem formalmente por parte da direcção de enfermagem e informalmente o professor da escola trata consigo por telefone antes de virem</b></p>

	<p><b>os alunos e devidos officios?”</b></p> <p>“Sim”.</p> <p>“(…) É mais fácil, quando nós conhecemos as pessoas pessoalmente, para mim é importante saber quem está do outro lado do telefone, ou quando falamos pessoalmente, porque se consegue estabelecer uma inter-relação melhor com as pessoas, assim como nas reuniões que se fazem, os encontros, também são muito importantes neste âmbito”</p>
<b>OS6</b>	-----
<b>OS7</b>	<p>“Tive uma experiência muito ténue no anterior CS onde trabalhava, penso que aí, apenas terei tido a orientação de um grupo de alunos ao longo de 20 anos. Em relação ao actual local, há cerca de 4 anos que recebemos alunos para frequentarem os nossos estágios ou ensinios clínicos”</p> <p><b>“Com uma certa assiduidade e regularidade?”</b></p> <p>“Sim, praticamente com uma certa regularidade. Pelo menos dois grupos por ano, num total de 5/6 alunos”</p>
<b>OS8</b>	“Eu acho que funcionam os dois tipos de redes”
<b>OS9</b>	-----
<b>OS10</b>	-----
<b>OS11</b>	-----
<b>OE</b>	<p>“É feito em duas frentes [convite aos enfermeiros das OsS do distrito, para participar em seminários e sessões lectivas]: Primeiro é feito um contacto mais informal com o enfermeiro e depois segue as vias normais, nós pedimos autorização ao presidente do conselho de administração para que um determinado elemento no dia X às tantas horas, venha leccionar o conteúdo relacionado com..., formalizamos o pedido”</p> <p><b>“Pensa que nesta cooperação predominam mais as redes formais ou as redes informais?”</b></p> <p>“As informais, porque eu acho, que embora haja um documento escrito, os contactos que são feitos, são facilitados porque existem entre nós e sobretudo aos</p>

elementos que são responsáveis pelas diferentes experiências, com as instituições onde nós fazemos a prática, existe bom relacionamento, eu acho que há uma complementaridade entre o formal e o informal, mas penso que se não houvesse estas relações informais, que quanto a mim são predominantes, não era possível, apesar do que está escrito, do que está contemplado no protocolo, nós às vezes levarmos a bom termo aquilo que pretendemos fazer. Agora é verdade e é indiscutível que também são relações formais, porque nós de alguma forma estabelecemos os circuitos formais que estão contemplados e respeitamos as cláusulas que estão contempladas no protocolo, por ai estou perfeitamente de acordo que são relações formais. Em termos práticos eu acho que predominam as relações informais, porque se não houvesse este tipo de cooperação e se as pessoas não se conhecessem, ficávamos só no formal e a maior parte das coisas não se faziam”

## TEMA

A Rede de Cooperação para a Orientação do Estágio: Características e Dinâmicas

## CATEGORIA

Informação Partilhada na Rede – IPR

Rep.	Unidades de Registo
OS1	<p>“Como está instituída e não querendo fazer muito mais, uma vês que não há investigação conjunta, mesmo assim, se poderia fazer um pouco mais, se houvesse uma achega de ambas as partes, era importantíssimo a meio e no final do estágio haver uma reunião conjunta para avaliação, não era uma avaliação muito formal, mas uma conversa entre o professor da escola e os enfermeiros envolvidos no acompanhamento dos alunos, eu sei que às vezes não é fácil, porque os enfermeiros trabalham por turnos e depois, é sempre difícil apanha-los todos, mas devia ser feito um esforço no sentido de haver conversas, com alguma regularidade”</p>
OS2	<p>“Na relação com a escola tem sido só este hospital com a escola e a escola com este hospital, no que a nós nos diz respeito e o CS se calhar faz com a escola, mas que se sinta a existência de uma rede eu não sinto para já, acho que não tem havido, tem sido muito em estrela, aliás em asterisco, entre a escola e as diferentes instituições, é a figura que eu vejo é a do asterisco”</p>
OS3	<p>“Com a escola, é me transmitido qual a área do estágio, o número de alunos que vêm, para eu depois também gerir aqui com os enfermeiros e ver a área onde mais têm que investir”</p> <p><b>“E informalmente, com as organizações que indicou?”</b></p> <p>“Sim, esclarecemos dúvidas, ainda há tempos ligaram-me a perguntar como fazia a distribuição dos estudantes pelos enfermeiros e eu disse que fazia conforme as necessidades e as orientações de estágio da escola e trocamos opiniões também relativamente à avaliação e essas questões todas”</p> <p>“(…) claro que há centros com quem eu comunico mais do que outros, mas eu acho que isso é geral no distrito”</p>

	<p><b>“Porque comunica mais com esses?”</b></p> <p>“Porque por exemplo vacinas, comunico com os centros mais próximos porque os nossos utentes circulam nesta zona”</p> <p><b>“A partilha de informação acerca dos estágios e formação é feita igualmente com todas as organizações?”</b></p> <p>“Não, por exemplo não partilho com OS6, OS10, mesmo a nível de estágios eu não sei como é lá. Estão no outro agrupamento”</p>
<b>OS4</b>	<p>“Eu creio que há alguma [partilha de informação], mas quanto a mim não o suficiente, creio que essa partilha deveria estar mais forte, mais fortalecida porque naturalmente iria ajudar, enfim o nosso processo em termos de orientação, em termos de supervisão dos estágios, de modo a que provavelmente não haveria ou seria de evitar alguns desvios na obtenção dos objectivos do estágio”</p> <p>“Eu, acima de tudo as estratégias que tenho utilizado tento-as sempre partilhar com os outros enfermeiros orientadores do estágio, porque não me limito só a mim como formador do estágio, mas aos outros colegas e, de certo modo aprendermos em conjunto e definirmos em conjunto a forma, a estratégia mais correcta de modo a irmos ao encontro dos objectivos de estágio. Para mim o plano definido em termos de intervenção do aluno, o plano de estágio definido, os objectivos, aquilo que é as definições em termos efectivos de trabalho, é discutido, é analisado ao longo do estágio para ver se efectivamente conseguimos que o estágio reverta numa melhor aprendizagem e numa mais-valia, uma experiência melhor em termos de aprendizagem, é nesta perspectiva que é desenvolvido o estágio, ir ao encontro daquilo que são as necessidades, os objectivos do aluno e ter sempre uma proximidade grande em termos do acompanhamento e orientação. Vou mantendo também a informação com a enfermeira orientadora do estágio e o processo de certo modo vai ser de proximidade de acompanhamento, de apoio, de modo a que o aluno saiba que estamos por perto, fazemos esse acompanhamento ao longo de todo o estágio”</p> <p>“(…) eu também quando preciso de alguma informação ao nível da escola ou de alguma intervenção que me pareça que pode ir contra aquilo que está definido dentro do próprio estágio do aluno, tenho sempre o cuidado de falar com o</p>



	professor da escola, com o docente, mas como digo, cada vez que tento falar, tem havido essa resposta e não tenho tido problemas”
<b>OS5</b>	<p><b>“Além dos aspectos pedagógicos relacionados com o estágio, costumam-se discutir (nas reuniões/encontros/telefone) outros aspectos relacionados com a prática de enfermagem em geral?”</b></p> <p>“Sim quando essas situações surgem também discutimos, também discutimos tudo o que achamos que é importante que decorreu no desenrolar daquele estágio, daquele aluno, concretamente se alguma situação surge também se discute em relação às práticas de enfermagem”</p>
<b>OS6</b>	<p><b>“Entrevistador: Que informação partilha na rede informal [com a escola e as outras organizações que assinalou]?”</b></p> <p>“Actividades desenvolvidas pelos alunos, programas mais abordados para actividades dos alunos”</p> <p><b>“Porque fala preferencialmente com estas organizações?”</b></p> <p>“Por proximidade geográfica e por pertencerem ao mesmo agrupamento”</p>
<b>OS7</b>	<p>“(…) baseia, praticamente, em nos enviarem por escrito os planos de estágio”</p> <p>“Os celebres planos de estágio que nos são enviados”</p> <p>“Nos primeiros anos..., uma duas reuniões por grupo. Uma para preparação do estágio, e outra para avaliação dos alunos”</p>
<b>OS8</b>	
<b>OS9</b>	<p>“Além disso é de confiança e de partilha de informação, também já nos alertaram para várias situações acerca do estágio e nós desenvolvemos o nosso trabalho também com base naquilo que a escola nos comunica”</p> <p>“Na rede formal é sempre comunicado por ofício e telefonicamente, a informação que a escola pretende dar, é fornecida antecipadamente sempre que se necessita da colaboração tanto da escola como da nossa instituição”</p> <p>“Na rede informal, muitas vezes entre colegas dos serviços, partilhamos dúvidas e isso ajuda muitas vezes a resolver situações complicadas”</p>
<b>OS10</b>	<b>“Em termos do pedido de estágio, como recebe a informação?”</b>

	<p>“Normalmente esse pedido vem para mim [por escrito] da parte da Directora da Escola, mas os professores também normalmente telefonam-me sempre”</p> <p><b>“Então há um contacto mais formal e outro mais informal?”</b></p> <p>“Normalmente tem havido sempre, é telefonicamente, falamos sempre”</p> <p><b>“Que informação partilha na rede formal?”</b></p> <p>“Sobre o estágio”</p> <p><b>“E na informal?”</b></p> <p>“Sobre o estágio e assuntos de serviço”</p> <p><b>“Porque fala preferencialmente com estas?”</b></p> <p>“Por proximidade e por razões de amizade”</p>
<b>OS11</b>	<p>“Basicamente falamos acerca dos objectivos dos estágios e informação acerca dos alunos que vêm estagiar”</p> <p><b>“E com as outras OsS? Consideram-se isolados ou consideram que há uma partilha, uma rede de partilha de informação?”</b></p> <p>“Nem sempre, eu pelos menos da minha parte é assim, ou vou à procura, mas também não sinto que alguém me procure, ou tomo a iniciativa de ser eu a procurar: como é que estão vocês aí a trabalhar e a fazer? Sou eu que muitas vezes recorro a este tipo de atitude, porque gosto de saber que não estou sozinho no mundo e gosto de saber como é que os outros CsS também estão a fazer”</p>
<b>OE</b>	<p>“(…) prendem-se essencialmente com a prática dos nossos alunos, com as experiências em contexto real, quer a nível dos CSP quer a nível dos cuidados diferenciados, da parte hospitalar. Aqui há uns tempos colaborávamos também na formação em serviço, umas vezes de uma forma mais activa e outras vezes como... e isso acontece ainda embora com muito pouca frequência”</p>

## TEMA

A Rede de Cooperação para a Orientação do Estágio: Características e Dinâmicas

## CATEGORIA

Laços Subjacentes à Rede – LSR

Rep.	Unidades de Registo
OS1	“Não as posso caracterizar distantes porque os enfermeiros dos serviços e os professores da escola, são quase todos da mesma escola e os professores da escola já trabalharam aqui e em termos de ligações pessoais são boas, mas em termos de ligações mais formais e considerando professor da escola/enfermeiro do serviço, na minha opinião são muito ténues, muito fracas”
OS2	“(…) as relações são boas, sempre de confiança entre as pessoas, ainda que ao longo da história deste processo tenha havido alguns momentos críticos”  <b>“Então pensa que na base destes relacionamentos estão laços que vão para além dos profissionais?”</b>  “Habitualmente não, até pelo facto de nós estarmos um pouco afastados da escola, mesmo que as pessoas se conheçam, parece-me a mim que não permite que se desenvolvam grandes laços em termos de relações não profissionais, penso que as relações que os enfermeiros deste hospital e os professores da escola têm estabelecido têm sido mais na base profissional, no entanto porque há pessoas deste hospital que até são oriundas de locais ou passaram pela escola, já houve outros momentos em que tiveram relações mais próximas e algumas já no foro pessoal que não profissional, podem em algumas circunstâncias influenciar, não me parece que seja o que habitualmente acontece. Mesmo que se conheçam, não tenho ideia ... Se existem, eu não conheço, relações de maior proximidade, de amizade pessoal mesmo entre os profissionais do hospital e as pessoas da escola, não sei ... mas pode ser mesmo só desconhecimento meu”
OS3	“São colegas dos CsS, já nos conhecemos há mais tempo e acaba por ser uma relação profissional e de amizade”
OS4	“As relações são as mais cordiais, do ponto de vista profissional, do ponto de vista

	<p>             pessoal, não tenho tido problemas nenhuns, pelo contrário, acho que mantenho uma boa relação, com as mais variadas, seja com colegas, alguns ainda fomos colegas e outros porque entretanto desenvolvemos relações de amizade. Estas relações são simultaneamente do ponto de vista pessoal e profissional. Pessoal, porque já vêm de há muitos anos a esta parte e profissionais na partilha de trabalhos ou experiências no contexto da profissão”           </p>
<b>OS5</b>	<p>             “As relações com a escola e particularmente o CS ou CsS onde tenho trabalhado (enquanto dirigente), são sempre de confiança e de partilha na orientação dos alunos, o que fazem, até onde podem ir, o que se passa durante os ensinamentos clínicos, penso que são relações de confiança e partilha que se estabelecem”           </p>
<b>OS6</b>	<p>             “As relações durante este tempo de cooperação que o CS tem tido, digamos que já passamos por duas fases diferentes em relação à escola, tivemos uma primeira fase em que a interacção era superior, possivelmente devido aos profissionais que eram envolvidos por parte da escola. Considero que neste momento a interacção não é tão grande e para muita pena nossa porque realmente a considero muito importante. A relação que estabeleci com professores, não só com os enfermeiros mas mesmo comigo própria anteriormente era mais uma relação de confiança de partilha, todos os problemas que surgiam, ainda que através de conversas informais eram transmitidos à escola, assim como os professores da escola também o transmitiam e tinham sempre o cuidado para alertar para pequenos pormenores em relação aos alunos, o que para mim foi sempre uma vantagem, porque se não houver esta interacção positiva e sempre constante entre as organizações poderão até os alunos ser prejudicados, porque poderemos fazer juízos de valor ou avaliações que não sejam tão correctas em relação aos alunos, que enquanto se nós soubermos alguns pormenores em termos do percurso deles na escola, alguns problemas que possam ter tido ou assim, que os professores terão mais conhecimento do que os profissionais, estes alunos nunca iriam ser prejudicados ou serem até mais ajudados. Perante isto quando temos alguma dificuldade ou quando esta interacção não é tão boa procuramos contactar a escola, recorrer a conversas informais com os próprios alunos para tentarmos saber um pouco o que se passou, a estrutura dos cursos, as dificuldades, qual é até o próprio relacionamento que o aluno mantém com a escola e quando temos necessidade           </p>

	<p>entramos em contacto com a escola e se o elemento que está relacionado com o estágio não estiver disponível teremos que recorrer a outros elementos, porque neste momento eu como enfermeira chefe tenho uma ligação com certos professores da escola que me permite essa liberdade de lhes solicitar ajuda quando necessito”</p> <p><b>“Informalmente?”</b></p> <p>“Informalmente, informalmente porque algumas situações em que às vezes necessitamos só de uma orientação informalmente telefonamos, mas sempre, sempre dirigimo-nos primeiro ao professor que está responsável pelo estágio se esse não estiver disponível uma vez, duas vezes, três vezes, aí teremos que recorrer a outra pessoa em termos informais se considerarmos que a informação que nos possam dar, seja uma informação que não comprometa nem os elementos da escola, nem os elementos do CS”</p> <p><b>“Que laços tem com essas pessoas?”</b></p> <p>“Com as pessoas da escola tenho, com certos elementos tenho laços de partilha de amizade, foram pessoas com quem já há muitos anos mantenho uma ligação e com as quais tenho à-vontade e são pessoas muito correctas em termos de prontidão para resposta, se não estão disponíveis quando eu ligo, automaticamente depois me ligam para mim mesmo que seja para o meu número pessoal, com outros elementos da escola, não mantenho esta ligação mais de confiança mas acho que a nível profissional se pode manter a ligação profissional de dar resposta quando as organizações solicitam porque muitas vezes são questões que nós temos que ter uma resposta imediata e precisamos de uma orientação. Mas isso nem sempre acontece, depende das pessoas”</p> <p>“Laços de amizade, conhecimento e profissionais [rede informal]”</p>
<b>OS7</b>	<p>“Penso que, em parte será pelos laços que tenho com alguns professores, até porque, não olhando só para aquilo que acontece com o meu serviço, mas olhando para outros serviços, nomeadamente, da nossa região, se nota que isso se faz por simpatias, e às vezes, por conhecimentos entre as pessoas”</p>
<b>OS8</b>	<p>“(…) a rede informal é fundada na confiança que existe entre os professores da escola e os enfermeiros dos serviços, não esquecendo que muitos de nós estamos</p>

	<p>nos serviços há muito tempo, pelo menos a maior parte e muitos já nos conhecem, ou foram colegas ou trabalharam existe uma relação, as pessoas conhecem-se e cria-se essa rede informal que facilita. A rede formal também funciona e tem facilitado também”</p>
<b>OS9</b>	<p>“Existem laços de amizade e com outras laços de colegas em que partilhamos as mesmas dificuldades, problemas e em conjunto conseguimos resolver alguns deles. Temos criado um companheirismo com alguns colegas, permitindo esclarecer dúvidas e isso ajuda-nos no nosso dia-a-dia nos serviços, desempenhando a nossa função com mais eficiência [rede informal]”</p>
<b>OS10</b>	<p>“Nós temos tido sempre muito boas relações com os professores que têm vindo em representação da escola, considero que as relações têm sido de inteira confiança e partilha”</p> <p><b>“Que laços/ relações tem com as pessoas destas organizações [referenciadas na rede informal]?”</b></p> <p>“Fomos colegas de curso, amigos”</p>
<b>OS11</b>	<p>“Dentro dos CsS procuro especialmente colegas que fizeram a especialidade comigo e que estão como chefes nos CsS”</p> <p>“As outras procuro menos, não que não lhes reconheça qualidades, mas a distância, realidades, tipo de população e equipa são-me desconhecidas. Não conheço todos os enfermeiros que trabalham nos CSP”</p>
<b>OE</b>	<p>“Eu penso, penso, embora ache que isto tem sofrido ao longo dos tempos altos e baixos, não tem sido feito de uma forma harmoniosa, mas considero em termos globais que há confiança, partilha e que as relações são cordiais, é lógico que da parte da escola com as diferentes direcções eu falo como presidente do CD quer também em relação aos diferentes conselhos de administração que já passaram nas instituições, quer hospitais, quer CsS com os quais nós temos protocolo, que se nota que essa cooperação é mais ou menos intensa consoante quem está à frente, mas penso que nunca tivemos problemas e que sobretudo na base da cordialidade nós trabalhamos bem”</p> <p><b>“Então considera que as relações de amizade ...”</b></p>

“São importantes, para mim indiscutivelmente”

**“São facilitadoras?”**

“São, são facilitadoras, aliás eu não referi como ponto forte, porque não temos a mesma relação com todas as instituições, mas acho que é um ponto forte com algumas, porque nós acabamos por ter um rosto e dessa forma pode facilitar as relações entre nós”

## TEMA

A Rede de Cooperação para a Orientação do Estágio: Características e Dinâmicas

## CATEGORIA

Perspectiva Acerca da Rede Actual – PAR

Rep.	Unidades de Registo
OS1	<p>“ Uma rede de cooperação como o próprio nome indica é uma estrutura de pessoas que por razões profissionais, ou por razões científicas ou familiares, neste caso aqui por razões profissionais se obrigam de forma mais ou menos formal a cooperar perante o mesmo objecto, ou seja neste caso aqui o objecto é o ciclo de ensino do aluno e as pessoas envolvidas nessa rede de uma forma mais ou menos coesa, mais ou menos formal, obrigam-se e sentem que têm um dever para com o projecto de ensino daquele aluno, é como eu vejo a rede de cooperação”</p> <p><b>“Acha que esse conceito se aplica á cooperação que existe entre estas organizações?”</b></p> <p>“Como ela acontece neste momento, acho que não, aquilo que acontece neste momento e tendo em conta aquilo que para mim deverá ser uma rede de cooperação, acho que não, se dissermos que o hospital coopera abrindo os seus serviços aos pedidos da escola, mas pronto... no terreno não há”</p> <p>“É necessário estabelecer relações, eu continuo a dizer que deveriam ser mais robustas estas relações porque a escola está a produzir um produto entre aspas que se vai integrar principalmente nas OsS, e não me faz sentido a mim que os alunos de licenciatura em enfermagem tenham pouco contacto com os saberes da prática, não me faz qualquer sentido de forma, a que a integração deles na vida profissional, a integração deles nos cuidados, possa ser mais facilitado na mediada em que eles teriam mais contacto com as pessoas que fazem as coisas, eu não desvalorizo o trabalho dos professores de forma alguma, mas eu acho que são saberes completamente diferentes, têm que ser saberes completamente diferentes, os professores ensinam o transmitem aos alunos aquilo que é, e muito bem, conseguem transmitir também como se faz aquilo que é, mas eu acho que se</p>



	<p>tivessem a ajuda a colaboração de profissionais de referência das OS essa transmissão do que se faz e como se faz era muito mais eficaz, porque nós não tenhamos dúvidas de uma coisa, na nossa profissão e em muitas profissões, aquilo que se faz o como se faz vai continuar a ser, eu não digo totalmente diferente mas por vezes nalgumas situações, muito diferente daquilo que diz como se deve fazer, porque os contextos são os mais variados, porque há falta de recursos, porque as coisas se modificam, porque as normas das organizações são diferentes, eu acho que seria bom que entre as escolas e as organizações e saúde se estabelecessem relações mais próximas em termos de colaboração”</p>
<b>OS2</b>	<p>“Uma rede de cooperação pressupõe a articulação de diferentes organismos ou diferentes pessoas em termos de haver um fluxo de informação recíproca e entre os diferentes agentes envolvidos na rede face a um determinado objectivo. Os circuitos de informação penso que deverão ser muito importantes para o estabelecimento dessa rede, a rede só existirá, para mim, se os circuitos de informação estiverem definidos, existirem e funcionarem”</p> <p><b>“O seu conceito de rede aplica-se às interações estabelecidas entre a escola e as OsS do distrito?”</b></p> <p>“Eu penso que é possível, mas neste momento talvez não, estamos muito desgarrados, mas nisso se calhar não se pode dizer que a escola tenha alguma responsabilidade. Logo à partida, penso que são os diferentes agentes, as diferentes instituições que estão um bocadinho desgarradas também elas e isso depois também se transporta para as relações com a escola. Na relação com a escola tem sido só este hospital com a escola e a escola com este hospital, no que a nós nos diz respeito e o CS se calhar faz com a escola, mas que se sinta a existência de uma rede eu não sinto para já, acho que não tem havido, tem sido muito em estrela, aliás em asterisco, entre a escola e as diferentes instituições, é a figura que eu vejo é a do asterisco”</p>
<b>OS3</b>	<p>“Uma rede, uma rede de cooperação para mim, é um conjunto de pontos e todos esses pontos têm uma relação entre si. Agora talvez a nossa rede aqui ao nível do distrito, não seja uma rede muito densa”</p> <p><b>“Porquê?”</b></p>

	<p>“Talvez pela área geográfica ser grande”</p>
OS4	<p>“Sem dúvida, porque como já falei atrás as responsabilidades são de certo modo mútuas e naturalmente essa interacção, que deve ser, enfim esse processo de aprendizagem não pode unicamente e não deve ficar unicamente entre a escola como formadora e o aluno, mas deve ser num âmbito muito mais alargado daí que eu dizer que essa interacção em termos de aprendizagem deve ser muito mais alargado, normalmente as unidades de saúde têm um papel muito importante na condução deste processo de aprendizagem”</p> <p>“Eu penso que acima de tudo é importante haver esta interacção forte, salutar, através naturalmente da partilha de informação, através daquilo que serão o estabelecimento de relações de confiança entre as várias organizações, para que de certo modo tenhamos a mesma linguagem, termos os mesmos objectivos e naturalmente ser do conhecimento de todos. Creio que será mais fácil para todos nós enquadrados nestes objectivos institucionais, irmos todos no mesmo sentido e falarmos todos com a mesma voz”</p> <p>“Bem aquilo que me parece importante é definirmos uma linha orientadora, princípios de actuação na área dos CSP e na escola, aquilo que ambas as partes poderão usufruir, poderão tirar proveitos, e se calhar através desta linha orientadora se calhar todos temos a lucrar na criação desta rede”</p> <p><b>“Então pensa que esta rede ainda não está consolidada e que deveria ser consolidada no futuro?”</b></p> <p>“Eu creio que sim, aliás há bocado falávamos na área da EpS e se calhar aquilo que tem sido o trabalho desenvolvido nalguns CsS, se calhar em todos, uns numa área outros noutra e se calhar dando visibilidade á escola como instituição formadora, se calhar esse tipo de trabalho teria uma visibilidade diferente e mostraria boas práticas organizacionais que se fazem em muitos CsS, é que sabe, algumas vezes publicitamos pouco aquilo que fazemos”</p>
OS5	<p>“Uma rede é quando existem vários actores que estão interligados, que estabelecem diferentes inter-relações entre eles, quando há uma cooperação entre vários intervenientes, não é unilateral, mas tem várias opções, com muitas lateralidades, quando uma pessoa estabelece com diferentes actores muitas</p>

	<p>relações”</p> <p><b>“Acha que esse conceito se aplica às interações que se estabelecem no âmbito do estágio, entre a escola e as OsS do distrito?”</b></p> <p>“Eu acho que a escola estabelece interações com os diferentes CsS e hospitais, mas acho que não há uma verdadeira rede. Acho que a escola é o pólo e estabelece uma rede com os vários intervenientes, mas nós entre nós, não existe uma verdadeira rede”</p>
<b>OS6</b>	<p>“No âmbito desta colaboração as interações entre professores e enfermeiros é sempre de extrema importância porque são os professores que conhecem ao longo de um curso os alunos que têm e são pequenos pormenores que eles têm conhecimento sobre os alunos que devem ser passados aos enfermeiros mesmo a nível não só de pequenos pormenores pessoais de cada alunos mas também ao nível de organização dos cursos, experiências que já tenham passado durante o curso, que é sempre importante os profissionais saberem, por isso para mim é de extrema importância”</p> <p>“Eu acho que é muito importante porque são áreas diferentes, mas ambas têm os seus conhecimentos que devem ser aplicados num estágio, estou-me a lembrar de situações que já tivemos em que alunos quiseram desenvolver algumas actividades em termos de promoção da saúde, elaboração de cartazes, folhetos, até de guias para depois poderem ser aplicados e os profissionais de saúde dão a sua opinião em termos mais técnicos mas existiram pormenores que a escola neste momento tem melhor formação para os aconselhar, então tivemos anteriormente estágios em que os alunos antes de se lançar qualquer trabalho destes, enviavam à escola aos orientadores de estágio, os orientadores de estágio faziam a sua avaliação a sua correcção desses trabalhos, ficando também com o conhecimento de qual era o desenvolvimento dos trabalhos a nível do CS e nós faziamos a nossa, trabalhávamos em conjunto por assim dizer em equipa, a escola/CS para que, o que saísse para fora, os projectos fossem de melhor qualidade”</p> <p>“(…) acho que era sempre positivo a escola ter a sua intervenção, porque a nível pedagógico, se está correcto ou se tem a quantidade de fazes adequadas, eu acho que esse papel da escola era muito importante e considero de todo vantajoso quer</p>

	<p>para os profissionais, porque os profissionais com esta interacção, esta transferência de conhecimentos os profissionais também aprendiam coisas novas que lhe serviriam para eles próprios quando quisessem desenvolver qualquer trabalho dessa índole por exemplo, terem outras noções, estarem mais actualizados, porque os profissionais já saíram há muito tempo de instituições de formação e de ensino e esta interacção também os iria despertar para certas coisas, certos interesses também de depois eles próprios desenvolverem essas actividades”</p>
<b>OS7</b>	<p>“Quando elas existem, eu penso que são muito importantes”</p> <p>“Era desejável que, elas deviam todas fazer parte dum planeamento conjunto e, certamente, se houvesse um intercâmbio e um melhor conhecimento recíproco das instituições, certamente, muitas das opiniões de pessoas que se dedicam à formação teórica e que estão em contacto directo com as novas correntes, com as novas visões, do que é e do que deverá ser a profissão de enfermagem..., se tudo isto pudesse ser aproveitado, todos contribuiríamos, não só para que a formação dos novos profissionais fosse melhor, como poderiam trazer alguma coisa de novo aos próprios serviços, instituições e aos utentes”</p> <p>“Mas nós não, nós continuamos com esta cultura de cada um na sua “capelinha”, cada um a fazer por si, e a não existe a tal componente integradora, para que todos juntos sejamos melhores. E mesmo quando existe a ideia, ou os princípios de fazer essa tal integração, cada um de nós continua muito agarrado ao seu “poderzinho” e não somos capazes de cooperar. Continuamos, cada um com as suas metas, com os seus “objectivinhos”, não vendo que o do lado, anda ao mesmo, e se cooperarem, os objectivos serão com mais facilidade alcançados. Eu não sei mesmo se, actualmente, aquilo que a escola ensina (ou aquilo que os alunos aprendem), e aquilo que se faz nas instituições, têm alguma coisa a ver. Isso verifica-se no impacto de surpresa que os alunos têm quando chegam às instituições prestadoras de cuidados. Porque aquilo que se faz nas instituições é de facto muito diferente daquilo que andam a aprender nas escolas, e isso não é nada positivo. Isso é tudo fruto dessa falta de colaboração e conhecimento entre instituições”</p> <p>“Uma rede pode até ser um pano com muitos buraquinhos...! Uns buraquinhos pequeninos por onde nós vamos circulando, de buraco em buraco...! Mas para</p>

	<p>delimitar os buracos tem de existir algo concreto e palpável. Isto é, o que faz o limite desses próprios buracos, e por onde se deve subir e descer... Ou por outra, transpor no caso concreto do que estamos a analisar, naturalmente, essa actividade e essa organização em rede, seriam os canais por onde todos nós deveríamos navegar. Por esses canais ou limites deveriam circular as pessoas, os conhecimentos e também alguma sabedoria...”</p> <p><b>“E acha que isso não se está a fazer?”</b></p> <p>“Na minha opinião, a maiorias das vezes não. E quando se faz, faz-se um bocado como os rios. Só correm num sentido e quando chegam ao mar..., às vezes há confronto e há conflitos. Há os fluxos que se encontram ali e não passam. O ideal era que fossem encontrados, nesses mesmos canais, corredores por onde se circulasse nos dois sentidos e, neste momento, do que estamos aqui a falar, a corrente no sentido Instituições-Escolas é muito fraca, ou mesmo inexistente. Aliás há 4/5 anos que sou orientador de alunos e o contacto de análise e reflexão que tivemos inter-instituições que cooperam com a escola, foi feito uma única vez e no âmbito de uma avaliação externa. Isso não pode acontecer assim, portanto acho que deveria haver os tais canais de duplo sentido, a rede deveria funcionar sempre nos dois sentidos, porque senão aquilo que acontece, é que andamos a... “trabalhar sem rede”</p>
<b>OS8</b>	<p>“Eu acho que essa aproximação é que falta. Apesar de cooperarmos, porque em enfermagem sempre se viu a prática nos serviços como sendo essencial para a formação”</p> <p>“Eu penso que as reuniões entre os enfermeiros que têm alunos e os professores das escolas deveriam ser mais frequentes e com isto até dinamizar outro tipo de actividades”</p>
<b>OS9</b>	<p>“Uma rede seria nós trabalharmos todos em conjunto uns com os outros, como? A nossa instituição, a escola, todas as instituições que existem em redor da escola funcionarmos em conjunto, fazermos reuniões conjuntas, não estou a dizer todos os profissionais, mas escolher elementos chave, eu penso que era importante haver este elo de ligação entre as instituições e a escola, que fica agora um pouco aquém do que nós queríamos, o que funciona neste momento é a escola com cada</p>

	<p>instituição e fica assim um bocadinho individualizado”</p> <p>“É sempre importante este tipo de contacto com os professores da escola”</p>
<b>OS10</b>	<p>“Uma rede de cooperação seria todas as unidades [organizações] de prestação de cuidados colaborarem entre si, sejam os hospitais, os CsS, sejam as escolas, nós aqui também trabalhamos um bocado com muitos parceiros, a segurança social as escolas a autarquia e isso tem-nos trazido muitos benefícios, que se tornam mais-valias para a nossa prestação de cuidados, sendo bom para os utentes que cuidamos”</p> <p><b>“O conceito de rede aplica-se à interacção estabelecida entre a escola e OsS do distrito no âmbito da formação?”</b></p> <p>“Neste momento como estamos a funcionar não, porque tem havido só entre a escola e o meu CS, não tem abrangido os outros CsS, nem o hospital. Ultimamente tem havido muito pouco diálogo e reuniões entre nós até porque por vezes também temos algumas dificuldades e gostaríamos de falar sobre elas”</p>
<b>OS11</b>	-----
<b>OE</b>	<p>“Para mim uma rede de cooperação, para mim uma rede pressupõe dar e receber em termos práticos. A rede de cooperação, será um conjunto de instituições ou de indivíduos, mas neste caso as organizações são também constituídas por pessoas, não é?, será um conjunto de organizações que têm um fim comum e se propõem dentro de determinadas finalidades e objectivos, também desenvolver as suas finalidades tendo em vista esse objectivo comum, é assim que eu encaro uma rede e quando eu digo que é dar e receber, claro que há contrapartidas de ambas as partes, mas se tivermos em linha de conta que devemos ter um objectivo comum, neste caso a formação, que pode ser entendida neste contexto, é assim que eu vejo uma rede de cooperação”</p> <p><b>“Pensa que o conceito de rede se pode aplicar às interacções que neste momento se estabelecem entre a escola e as OsS do distrito?”</b></p> <p>“No sentido lato, penso que sim, porque embora não seja de uma forma sistematizada eu penso que há envolvimento de ambas as partes e há a preocupação de tudo o que se relaciona com as práticas clínicas, ser negociado, ser</p>

	apresentado atempadamente e de alguma forma em relação às instituições envolvidas, eles dizem-nos abertamente se é viável, se não é viável e tentamos em conjunto arranjar estratégias e outras alternativas”
--	---

## TEMA

A Rede de Cooperação para a Orientação do Estágio: Características e Dinâmicas

## CATEGORIA

Pontos Fortes e Fracos da Interacção – PFF

## SUBCATEGORIAS

Pontos Fortes – PFO / Pontos Fracos – PFA

Rep.	Unidades de Registo	
	PFO – Pontos Fortes	PFA – Pontos Fracos
OS1	-----	“(…) de facto eu não tenho dúvidas e em algumas situações queixam-se que o enfermeiro quando tem alunos em estágio fica mais sobrecarregado, mas sem dúvida nenhuma, fica o enfermeiro mais sobrecarregado, fica a instituição mais sobrecarregada, isso já está mais que provado, os gastos nos serviços aumentam quando há alunos em estágio”
OS2	“...mas eles gostam, eu acho que depois têm a percepção de que se foram eles que foram envolvidos nisto, é porque foram considerados os modelos para ajudar na formação de outros, portanto penso que também lhes trás um bocado de satisfação do ego, de prestígio”  “(…) eu penso que eles [enfermeiros] têm vantagens”	“(…) é claro que também se queixam, “que é mais trabalho”, que têm por um lado, porque nada se altera nas suas responsabilidades diárias, se têm 7 ou 8 doentes, dos quais são responsáveis naquele dia, continuam tê-los e além de que têm que dar atenção ao aluno. Eles por vezes queixam-se um pouco de que é muito trabalho ter alunos em estágio, mas...”



<p><b>OS3</b></p>	<p>“Acho que trás sempre vantagens, para já é uma maneira de nós também termos, ... quem vem de novo, quando vêm alunos nós perguntamos sempre se consideram que foram bem integrados, se há alterações a fazer, porque é mais fácil para quem vem de forma, ver se há alterações a fazer do que para nós que estamos cá dentro e às vezes isto torna-se rotina, como costume dizer, agora acho que é bom tanto para os alunos, escola, quer para nós, porque vamos trocando informações, também às vezes dão-nos ideias, acho que a cooperação é boa”</p> <p>[Interrupção]</p> <p><b>“Estávamos a falar nas vantagens e desvantagens desta interacção...”</b></p> <p>“Desvantagens não vejo, antes pelo contrário, é vantajoso, vamos trocando experiências, trazem aquela parte teórica”</p>	<p>“Desvantagens não vejo”</p>
-------------------	--	--------------------------------

<b>OS4</b>	<p>“(…) sem dúvida, os estágios para além da formação do aluno, pressupõe, do meu ponto de vista, também perante o profissional, também perante a instituição que representamos além do compromisso e da responsabilidade na formação de eles próprios no fundo terem que prestar contas, fazer o seu exercício profissional de modo a dar resposta aquilo que é pedido ao nível do estágio eu costumo dizer aos profissionais que respondam e vão ao encontro daquilo que são as aprendizagens e os problemas do aluno, que é para isso que cá estamos e o próprio aluno enquanto formando tem que ter essa capacidade de interrogar os profissionais, de interrogar a instituição, de fazer a sua análise crítica, de modo a que possamos, depois em futuras situações melhorar o nosso nível de cuidados e o nosso nível de competências”</p>	-----
<b>OS5</b>	-----	-----
<b>OS6</b>	<p>“Acho que haver alunos em estágio em qualquer organização é sempre positivo, porque os próprios profissionais têm um cuidado redobrado e, relembram muitas vezes até o próprio profissional, é sempre uma mais-valia”</p>	

<b>OS7</b>	-----	“O problema é que, parece, no meu caso pessoal e da instituição que represento, é que são cada vez menos frequentes [As interações entre a OE e o CS]”
<b>OS8</b>	“Para os serviços, os serviços aceitam os alunos com naturalidade, sentem que é importante”	<p>“(…) falta relacionamento entre as duas vertentes. (...) Em cada serviço as realidades são diferentes e os enfermeiros no seu local de trabalho, o foco de atenção do seu trabalho é o utente e é o utente no seu contexto, que são diferentes de outros contextos, o foco dos professores é o aluno e o enfermeiro no seu local de trabalho para dar resposta ao aluno deveria estar mais relacionado com a escola e os outros contextos porque muitas vezes apercebemo-nos de diferenças, muitas vezes o comportamento dos alunos é diferente noutras realidades e isso trás dificuldades em termos de avaliação, do acompanhamento e desenvolvimento”</p> <p>“(…) sentem que é importante [as OS], apesar de trazer encargos importantes aos serviços, não só material mas também porque os enfermeiros despendem algum tempo para os acompanhar”</p>

<b>OS9</b>	<p>“(…) é sempre bom termos este tipo de situações, nós somos uma equipa nova e estamos sempre abertos a novas oportunidades, a novos projectos”</p> <p>“É uma mais-valia a partilha de informação que a escola nos fornece e os estágios permitem-nos isso, troca de experiências e enriquecimento profissional”</p>	<p>“Desvantagens eu acho que não”</p> <p>“(…) desvantagem só se for a questão de perdermos um bocadinho mais de tempo com os alunos”</p> <p>“Do que existe agora, ponto fraco será talvez a falta de comunicação”</p>
<b>OS10</b>	-----	-----
<b>OS11</b>	<p>“Os pontos fortes são os laços de confiança, há sempre disponibilidade por parte da escola para qualquer questão que queiramos colocar a escola é receptiva, também há partilha de conhecimentos e colaboração em todos os aspectos, nunca sentimos da parte da escola qualquer entrave”</p>	<p>“(…) deveria haver mais dialogo entre a escola e as OsS durante a orientação, para podermos saber se temos que alterar algum procedimento. Mais comunicação, é basicamente isso”</p> <p>“Olhe um dos pontos fracos é a comunicação, deveria melhorar”</p>

<p><b>OE</b></p>	<p>“Eu penso que os pontos fortes prendem-se essencialmente com a partilha de recursos, com alguma e isso já se vai verificando, alguma harmonização de procedimentos que já vai existindo, entre a escola e as instituições, com o conhecimento quer dos procedimentos quer das normas dos diferentes serviços o que de alguma forma torna o real mais perto do ideal e nos permite estabelecer este tipo de cooperação. Em relação aos pontos fortes, penso que são os mais importantes”</p> <p>“(…) otimiza a relação pedagógica no sentido do desenvolvimento pessoal e técnico tanto dos alunos como dos profissionais que estão envolvidos, pretende e isto é amplamente debatido, adequar a teoria à prática, não só numa perspectiva de mudança, mas também como uma relação dual em que se melhora a prática se os teóricos”</p>	<p>“Em relação ao ponto fraco, acho que esta cooperação não está sistematizada e leva a que muitas vezes não tenhamos um fio condutor e haja picos, penso que é o pior em termos desta cooperação”</p> <p><b>“O que influencia estes picos?”</b></p> <p>“O pico é influenciado pelas relações e conhecimento pessoal”</p>
------------------	---	---

## TEMA

A Rede de Cooperação para a Orientação do Estágio: Características e Dinâmicas

## CATEGORIA

Repercussões da Rede Actual – RRA

Rep.	Unidades de Registo
OS1	“Sem dúvida que pode, eu não tenho dúvidas numa coisa, quando há alunos nas equipas, os profissionais cuidam mais da forma como prestam os cuidados eu não tenho dúvidas disso”
OS2	<p>“Eu penso que existem ganhos tanto para os alunos que estão num processo de aprendizagem proactiva mas também dos profissionais que já estão no mercado de trabalho porque são obrigados, penso eu, que terão alguma preocupação em ser um bom modelo, em transmitir conhecimentos correctos, ainda que também possam ser transmitidos alguns hábitos tradicionais menos desejáveis, mas penso que as pessoas têm a preocupação de transmitir os melhores conhecimentos que tenham adquirido em determinadas áreas da prestação de cuidados. Por outro lado gera uma dinâmica de aprendizagem mesmo para os próprios profissionais que estão no mercado de trabalho e ajuda-os a não ficar estagnados no tempo, em termos da evolução da sua formação contínua. É claro que aqui neste hospital sempre se tem tentado fazer isso e eu sempre disse isso aos enfermeiros chefes que fossem seleccionados, ou pelo menos sempre procurei que fosse aplicado o princípio de serem seleccionados os enfermeiros que fossem o melhor modelo possível, que tivessem uma prática mais correcta e que dominassem vários aspectos que têm que ser dominados na prática de enfermagem, em termos técnicos, em termos científicos em termos relacionais. Que fossem enfermeiros equilibrados nestas 3 áreas que são essenciais para a prática. E eu penso que sim, que os serviços têm respeitado essa prática de seleccionar os enfermeiros que possam ser os melhores modelos para os alunos de enfermagem que estão a ser formados no momento”</p> <p><b>“Considera que esta prática, esta interacção poderá ter repercussões ao nível do desempenho dos profissionais envolvidos?”</b></p>

	<p>“Eu penso que sim, tanto os profissionais que estão na prática, no mercado de trabalho, e que em dado momento são envolvidos na formação dos futuros enfermeiros, eu penso que eles têm vantagens, (...) Depois também tem algum peso em termos de currículo e eu penso que também é útil pelo facto de eles próprios se procurarem manter actualizados e assegurarem a sua formação contínua, penso que há vantagens e resultam mais-valias nos dois sentidos, eu penso que sim, e que eles têm essa noção, mesmo que por vezes se queixem que dá mais trabalho terem tudo, todas as responsabilidades que já têm no seu quotidiano e ainda terem alunos que devem orientar”</p>
<b>OS3</b>	<p>“Melhorar o desempenho não sei, mas acho que é bom para os profissionais porque por alguma questão que os alunos possam colocar, eles estão sempre atentos e acho que é bom”</p>
<b>OS4</b>	<p>“Se tivermos em conta uma rede, creio que todos nós teremos a beneficiar do ponto de vista da informação, enfim até de estratégias que em conjunto poderemos desenvolver”</p> <p><b>“Mas sente que neste momento com o facto de virem alunos e professores ao CS já há essa partilha ou não?”</b></p> <p>“Sim... eu sinto que a abertura da escola relativamente há uns anos atrás é diferente, para melhor, naquilo que é a disponibilidade, naquilo que é a abertura como instituição, por isso é que digo que essa partilha é a todos os níveis desejável, pelo que poderá ser a partilha de informação e estratégias de desenvolvimento seja em que área for, porque como digo existindo já esta rede institucional, depois será mais fácil ao nível profissional, técnico se desenvolver acções, formações e outras actividades”</p> <p>“(...) eu costumo dizer aos profissionais que respondam e vão ao encontro daquilo que são as aprendizagens e os problemas do aluno, que é para isso que cá estamos e o próprio aluno enquanto formando tem que ter essa capacidade de interrogar os profissionais, de interrogar a instituição, de fazer a sua análise crítica, de modo a que possamos, depois em futuras situações melhorar o nosso nível de cuidados e o nosso nível de competências”</p> <p><b>“Acha que o facto de os alunos questionarem, levam a que os profissionais</b></p>

	<p><b>tenham que procurar respostas, tenham que fazer actualização, para dar resposta ao aluno?”</b></p> <p>“Sim, nós na nossa profissão somos quase que obrigados a um trabalho constante quase em exclusividade se assim poder dizer e os profissionais de saúde, nomeadamente os enfermeiros sabem que o nosso desempenho o nosso nível de intervenção, tem normalmente com o passar do dia, que ser mais forte, que ser mais enriquecido e que vivemos constantemente num processo formativo, os próprios enfermeiros têm formação contínua, formação em serviço ao longo do ano”</p>
<b>OS5</b>	<p>“Eu penso que é sempre vantajoso, seja para os professores seja para os próprios profissionais porque há sempre uma actualização como já disse, mesmo em relação aos trabalhos da parte prática, da parte teórica dos conhecimentos, é sempre vantajoso esta discussão de conceitos e de resolver na prática alguns problemas que se possam pôr aos alunos”</p> <p><b>“Gostava que essas interacções fossem mais frequentes?”</b></p> <p>“Sim acho que era importante e também para melhorar o desempenho também dos profissionais de enfermagem para que eles próprios pensem, porque quando fazemos muitas vezes a mesma coisa, muitas vezes não pensamos muito naquilo que estamos a fazer e com os alunos também nos leva a nós próprios a questionarmos se aquilo que estamos a fazer está correctamente aplicado, as próprias técnicas e também é muito importante para os profissionais principalmente nos CsS que às vezes estamos um bocado afastados e fazemos sempre da mesma maneira e com novos conhecimentos que vêm fresquinhos das escolas penso que é muito importante porque nos questionam muito sobre a forma de fazer e nós também nos questionamos a nós próprios, se fazemos da maneira correcta ou não, se estamos a fazer da maneira que será a mais correcta”</p>
<b>OS6</b>	<p>“Sem sombra de dúvida, porque os enfermeiros e eu tenho noção que alguns enfermeiros que tenho no CS que quando têm alunos, têm uma actuação e um comportamento diferente, não estou a dizer que tenham má actuação quando não têm alunos, mas têm uma actuação diferente, mais cuidada, mais elaborada, com atenção a pormenores que se calhar quando não têm alunos não têm, digamos que</p>



	<p>termos alunos em estágio é sempre uma mais-valia para os profissionais e para os utentes em si, porque mesmo quando eu distribuo um aluno por um enfermeiro, chamo sempre a atenção do enfermeiro e há pequenos pormenores que são discutidos entre mim e ele para que se tenha atenção a certos pormenores, em termos de educação, maneira de estar, o tempo que se tenha que abranger para cada doente, pequenos pormenores que digamos que os alertam para que se passe aos alunos uma imagem daquilo que é perfeitamente correcto, deve-se fazer e faz-se assim! A maneira correcta em termos de técnica, estar, de actuação, tudo”</p>
<b>OS7</b>	<p>“Penso que sim. É algo que mesmo com todas as dificuldades, com toda a problemática que já falei, é sempre muito importante, ter pessoas novas e futuros profissionais. Porque ajudam os próprios profissionais, a ter contacto com novos conhecimentos que nos trazem as escolas e reflectam sobre as suas práticas. Por isso, penso que é importante também para as instituições”</p>
<b>OS8</b>	<p>“A escola e os serviços ao trabalharem em conjunto através dos ensinios clínicos, trás vantagens porque os enfermeiros sentem necessidade de colaborar na formação como sempre foi feito em enfermagem, é muito importante a prática, os enfermeiros já passaram por essa experiência enquanto alunos e gostam de dar essa colaboração, ao mesmo tempo permite-lhes entrar em contacto com novas teorias com novos conceitos, reflectir sobre estes aspectos e isto também os desenvolve”</p>
<b>OS9</b>	<p>“Nós ao orientarmos alunos, também aprendemos pela partilha que efectuamos, essa troca de conhecimentos é vantajosa, para o CS é vantajoso porque enriquece, é bom até para os utentes”</p> <p><b>“E para os profissionais?”</b></p> <p>“A vinda de alunos obriga sempre o profissional a ser mais cuidadoso e a fazer uma actualização dos conhecimentos, pesquisa para poder ensinar ao aluno correctamente, para passar a imagem de exemplo”</p>
<b>OS10</b>	<p>“Eu penso que é sempre uma mais valia colaborar com o estágio, leva por vezes até os enfermeiros a trabalharem de forma diferente, a aperfeiçoarem as suas técnicas e a vinda dos alunos traz-nos sempre coisas novas, diferentes até com os utentes é muito bom”</p>
<b>OS11</b>	<p>“A supervisão de alunos permite-nos ganhar competências, aperfeiçoar</p>

	<p>conhecimentos, aplicar correctamente técnicas, pois quando se tem um aluno a seu cargo há um afinar, uma reflexão sobre o seu comportamento e a sua atitude, o que pretendemos é que os alunos vejam em nós uns excelentes profissionais e um modelo”</p> <p>“Para nós tudo o que envolva conhecimento e enriquecimento pessoal e profissional é sempre bom e se calhar não temos mais actividades com a escola porque muitas vezes desconhecemos. Por vezes também sentimo-nos um pouco sozinhos e não temos realmente tanta participação como se calhar seria desejável”</p>
<b>OE</b>	<p>“(…) já se vai verificando, alguma harmonização de procedimentos que já vai existindo, entre a escola e as instituições, com o conhecimento quer dos procedimentos quer das normas dos diferentes serviços o que de alguma forma torna o real mais perto do ideal”</p>

## TEMA

O Futuro da Rede

## CATEGORIA

Perspectiva Futura da Rede – PFR

Rep.	Unidades de Registo
OS1	“Sem dúvida, se houvesse mais momentos de reflexão, em que ambas as partes tivessem uma atitude pró-activa relativamente ao conhecimento quer dos alunos quer dos profissionais (...) se houvesse mais pro-actividade eu não tenho dúvidas que se melhorava o desempenho de ambas as partes, não só dos profissionais, mas também dos professores, enquanto estratégias do ensino de enfermagem”
OS2	“Penso que se houvesse mais intercâmbio, mais ida dos profissionais do terreno à escola e da própria escola ao terreno, por exemplo através da realização de trabalhos conjuntos, dos professores da escola que por exemplo poderiam ser os orientadores do estudo e de pessoas da prática, talvez houvesse mais intercâmbio das últimas novidades, digamos, como se organiza a prestação de cuidados de enfermagem actualmente”
OS3	<p><b>“Pensa que deveriam existir reuniões onde se pudesse partilhar esse tipo de informação?”</b></p> <p>“Eu acho que neste momento é um bocado complicado porque estamos divididos em agrupamentos [Norte e Sul], Sul é Sul, ninguém consegue lá entrar, nós temos reuniões só com o grupo [Norte] e nunca nos encontramos com o [Sul], dantes quando não havia esta divisão, nós reuníamos-nos todos (CsS) e havia mais afectividade e comunicação entre nós, neste momento não, eu se tiver uma reunião sei que só vou encontrar o agrupamento [Norte], passam-se tempos e tempos que nós não comunicamos”</p> <p><b>“Enquanto chefe deste CS considera que seria importante haver esta partilha de informação ou não?”</b></p> <p>“Talvez, mas eu acho que cada centro tem a sua maneira de trabalhar e não podemos seguir todos a mesma linha as populações são diferentes”</p>

	<p><b>“E trabalhos conjuntos projectos que eventualmente se pudessem realizar no âmbito da formação, acha importante haver partilha entre todos?”</b></p> <p>“Sim eu acho que assim era bom, haver partilha de informação entre todos, principalmente no nosso agrupamento”</p>
<b>OS4</b>	-----
<b>OS5</b>	<p>“Acho que era muito importante que esta rede funciona-se entre todas as organizações envolvidas, até mesmo para partilharmos conhecimentos e maneiras diferentes de resolvermos as questões que muitas vezes se nos podem pôr entre nós que estamos na parte prática”</p>
<b>OS6</b>	<p>“O trabalho em rede deveria abranger todas as áreas da saúde, CSP, cuidados hospitalares, a formação e dentro dos CSP todas as áreas que estão envolvidas”</p>
<b>OS7</b>	<p>“Era fundamental haver um intercâmbio nos dois sentidos, não só por parte das instituições de formação para as instituições prestadoras de cuidados, mas também ao contrário, e havia de haver uma traça constante entre aquilo que era necessário à comunidade e de facto aquilo que as instituições possam dar, para que tudo aquilo que fosse possível encontrar nas instituições sobretudo da nossa área, nós tivéssemos oportunidade de formar”</p>
<b>OS8</b>	<p>“Eu acho que iria facilitar muito um trabalho efectivo em rede, em que a realidade dos diversos CsS e dos dois hospitais que também são bastante diferentes, se pudesse existir entre os elementos representantes das OsS e a escola que é a entidade promotora da formação, se pudessem reunir com alguma frequência porque a realidade de cada serviço é diferente, as especialidades, por exemplo um serviço que tenha uma população alvo mais jovem é completamente de CsS que tenham populações alvo muito envelhecidas em que a aposta terá que passar pela Visitação domiciliária, cuidados paliativos e por ai. Trabalhar em rede facilitaria o desenvolvimento, em que todos fossemos uma unidade, aliás nós pretendemos ser uma unidade”</p> <p><b>“Acha que traria vantagens?”</b></p> <p>“Muitas vantagens para todos, para os alunos que depois circulavam e para os profissionais por saberem a quem recorreriam se fosse necessário”</p>

OS9	-----
OS10	<p>“Eu penso que quando as pessoas falam trocam experiências das diferentes instituições, entre os CsS e entre os CsS e a escola, isso é extremamente importante e leva à aquisição de conhecimentos e seria bastante benéfico”</p> <p><b>“Considera que esta partilha poderia ter influência no desempenho dos profissionais envolvidos?”</b></p> <p>“Eu penso que sim porque por vezes nós acomodamo-nos e habituamo-nos a certas práticas, eu noto isso quando tenho elementos vindos de outras instituições e dizem: no meu CS fazíamos assim ou de outra maneira e são coisas que nós nem nos lembramos e nos levam a reflectir, e às vezes faz falta determinadas mudanças e que muitas vezes trazem muitos benefícios”</p> <p><b>“Permite fazer uma reflexão conjunta?”</b></p> <p>“Exactamente.”</p>
OS11	-----
OE	<p>“E quando eu digo que não é de uma forma sistematizada, eu penso que devia haver um trabalho à priori mais profundo e aquilo que às vezes se verifica é que nós fazemos o planeamento aqui na escola e depois das coisas estarem feitas, vamos apresentar a nossa proposta, e em termos futuros aquilo que perspectivado não é isso, é saber junto das instituições os recursos que têm, o que nos podem oferecer para em conjunto nós depois não só dividirmos os alunos quer depois traçarmos actividades, quer a nível dos trabalhos de investigação, a nível da formação, em suma o que é que nós podemos fazer em conjunto”</p> <p><b>“Falou-me que há algumas vertentes do protocolo que neste momento não estão a ser utilizadas, na sua opinião enquanto dirigente desta organização, da organização escolar neste caso, pensa que esse protocolo escrito, deveria de alguma forma neste momento sofrer reformulações?”</b></p> <p>“Penso que sim, embora nós informalmente já tenhamos feito alguns ajustes e com a concordância de todos, nomeadamente em relação às vagas para a formação, sobretudo para o complemento e em relação ao boletim bibliográfico da escola como há pouco referi, penso que o documento escrito carecia de uma reformulação</p>

e mais não só o hospital X e o hospital Y e os CsS foram agora integrados na [entidade de saúde da região], em que tem um regulamento completamente diferente do que tinha anteriormente e por isso penso que não só quanto ao conteúdo, mas também da parte jurídica precisa de haver um acerto, para ver o que é que cada um de nós pode continuar e as cláusulas pelas quais se deve reger o novo protocolo”

“Eu penso que todos os serviços e também tem a ver com as características da organização eu sei que por exemplo no [CHX] [outra região próxima da que está em estudo na qual existem um conjunto de organizações semelhantes, escola, hospitais e CsS que cooperam na formação de enfermeiros e com as quais a escola (em estudo) mantém contactos frequentes, daí o conhecimento dessa realidade] que tem características completamente diferentes aqui do nosso, há quase sempre projectos, quer trabalhos de investigação, quer outro tipo de trabalhos, que eles estão a desenvolver, e penso que era benéfico haver um envolvimento mais efectivo da nossa parte, agora com Bolonha e conforme está preconizado o estágio do quarto ano penso que isso tem que ser feito com mais intensidade e, que é um papel primordial da escola trabalhar nesse sentido”

“Se fizermos como tenho vindo a referir ao longo da entrevista, se tivermos uma cooperação sistematizada, e o que nós preconizamos que é adequar a teoria á prática e a prática à teoria, eu penso que é uma mais-valia para todos nós, não só conseguirmos estreitar os laços e desenvolver um caminho em conjunto, eu penso que nos vai valorizar a todos, a todos e à profissão”

## TEMA

Efeitos da Rede

## CATEGORIA

Sugestões – SUG

Rep.	Unidades de Registo
OS1	<p>“(…) eu acho que de todo seria bom, na minha opinião, isto fora questões materiais, financeiras e questões de pagamento, que seria bom que as duas organizações pensassem que deveriam partilhar mais conhecimentos da prática com os enfermeiros do hospital fazendo uma boa triagem de quem lá ia e uma boa triagem dos temas, mas em meu entender seria bom para as relações entre as duas organizações que não são más, mas não passam do estritamente necessário”</p> <p>“(…) uma das colaborações que devia haver, e que já houve algum começo disto mas depois parou, era que os enfermeiros do hospital fossem preparados para acompanhar alunos, não sei como, por orientação, por conversas informais, por maior presença do professor da escola junto dos locais de estágio, que se fizesse alguma coisa para que as pessoas dos hospitais soubessem como se acompanhava alunos. Isso é uma questão de pedagogia e não se pode pedir às pessoas dos hospitais que também saibam fazer isso. Acho que devia haver também uma colaboração ao mais alto nível, como digo, em termos de conselho de administração mesmo e ver como é que nós podemos compensar ambas as partes por este acompanhamento”</p> <p>“(…) devia de haver uma forma de entendimento que já há nalgumas organizações de como é que se compensam as partes, a escola paga por aluno em estágio, a escola paga ao orientador por aluno, e quando estou a falar em pagar, isto não é só pecuniário, isto pode ser pago de muitas maneiras, redução das propinas em determinados cursos de formação das escolas, nas pós-graduações, nos cursos de especialização, uma coisa assim”</p> <p>“Deviam ser partilhados outros projectos, eu não concebo, que neste caso, que este hospital que é um “hospital de formação”, “hospital escola”, não haja partilha de</p>

projectos de investigação, eu acho que era um grande ponto de partida para o aumento desta partilha de saberes de forma robusta, porque é muito fácil agente dizer, ai nós colaboramos mas as coisas têm que ser robustas, tem que haver se calhar, se fizesse-mos projectos de investigação em conjunto, se nós numa fase mais adiantada publicasse-mos artigos em conjunto, porque aquilo que publicasse-mos que fizesse-mos em conjunto teria mais eu não digo coerência mas mais poder de capacidade de gerar conhecimento e ser aceite pela comunidade não só científica das escolas, mas a comunidade de enfermagem, se fosse feito em conjunto com a prática e os saberes de quem faz ciência que são vocês. Porque eu não vejo isso, nós daqui não conhecemos que tipo de projectos de investigação tem a escola, qual é o fio condutor da escola em termos de investigação e a escola também não sabe, nem nunca veio à procura de como nós podemos, que ajuda nos podem dar, como podemos criar equipas de investigação conjuntas e eu acho que faz todo o sentido, porque nesta área da saúde nem a escola pode investigar sozinha, nem nós podemos faze-lo sem ter os conhecimentos, sem ter a parceria de quem sabe sobre investigação, nós temos o campo onde se pode investigar e em termos de investigação-acção, quem faz a acção somos nós, não é a escola porque é muito mais fácil nós que estamos na prática dos cuidados, temos o objecto dos cuidados que é o doente entre aspas “à nossa disposição” e não a escola. E o que é que acontece, nós aqui fazemos uns “trabalhecos” de investigação quando há os complementos mas aquilo depois ... e a escola investiga muito longe daquilo que é a prática dos cuidados, muito longe. E ai devia ser aquele ponto, não é só o ponto de partida, mas aquilo que nos unia, devia ser através da partilha de projectos, partilha de saberes. Em termos formação contínua também, mas se nós estivéssemos unidos por projectos, pela investigação, a formação contínua acontecia, não é? Eu acho que nos devíamos unir através de uma coisa robusta, forte para que as coisas que são menos fortes, mas importantes aconteçam. Porque se nós tivéssemos uma linha de investigação, sei lá por exemplo na área das úlceras de decúbito, automaticamente acontecia muita formação nessa área das úlceras de decúbito, eu acho que era uma área em que as duas organizações deveriam apostar. De facto também reconheço da parte do hospital eu não digo interesse, mas que nunca houve uma grande predisposição para fazer parcerias deste tipo, poderia ser mais entre enfermeiros de referência e a escola”



**“Actores chave?”**

“Sim porque isto nunca pode acontecer só entre o conselho de administração e o CD da escola, não, essas pessoas estão lá para pensar noutras coisas, quer dizer, estão lá para pensar a outro nível e não têm grande disponibilidade para isto mas deviam talvez, eu não sei como se chamam agora, mas talvez os coordenadores das áreas e enfermeiros de referência que estejam relacionados com essa área, ao nível por exemplo da psiquiatria, da reabilitação, da saúde comunitária, devia haver”

“(…) já há muitos enfermeiros com pós graduações, com mestrados, especialidades”

**“Acha que estes projectos deveriam envolver a escola e cada uma das organizações isoladas ou várias organizações, por exemplo o hospital 2, os CSP?”**

“Sim, sim, devem, aliás neste momento há uma organização diferente e o grande projecto é que todos nós envolvidos nestas organizações consigamos pensar que somos (um grupo) e que tem um dever para com a sociedade e que deixemos de pensar que eu sou do H1 e eu sou de H2, e que não arredo pé daqui e nós somos dos CsS e continuamos a fazer as coisas como sempre fizemos e eu acho que assim não e nesta embalagem eu acho que a escola também tem que seguir “neste carrinho” porque quer queira seguir, quer não, quando enviarem para aqui alunos nos estágios, ensinamentos clínicos, ou como lhe chamam agora, os alunos têm que se integrar também nessa forma de pensar, eu sei que não é fácil, mas o futuro é isto e daí que eu ache que todos os projectos devem ser desenvolvidos nesta perspectiva por exemplo se nós estivermos a pensar num projecto ao nível das úlceras de pressão, teremos que pensar obrigatoriamente nos CSP, obrigatoriamente, porque o circuito dos utentes não é casa – hospital, nem hospital – casa, antes de chegarem ao hospital passaram já pelos CSP, já foram atendidos pelos colegas ou do domicílio ou das equipas de saúde familiar, quando vão do hospital a mesma coisa e às vezes nós profissionais não pensamos bem que as coisas são assim, mas de facto são”

**“Que estão em rede? Que estão ligadas?”**

“São, porque o facto de haver ou não úlceras de pressão não dependem, nem têm

só a ver com os enfermeiros do hospital, dependem e têm a ver também com os enfermeiros dos cuidados, tem a ver com todos, passa muito por questões de EpS, muitas coisas que podem ser feiras, e nós estamos habituados a pensar “como se evitam úlceras de pressão no hospital?”, e temos que saber como se faz enquanto os doentes cá estão, mas também temos que conseguir pensar em coisas mais abrangentes. Conseguir pensar porque é que os doentes quando chegam aqui, uns fazem úlceras de pressão e outros não fazem? Sujeitos às mesmas condições de cuidados e isso leva-nos a pensar que há muito por trás, talvez que um utente teve e outro não teve, por isso faz todo o sentido que sejam envolvidas todas as organizações e em meu entender, outras como talvez lares, cuidados continuados, cuidados paliativos, faz todo o sentido, não sei se chegaremos lá, mas faz-me todo o sentido que se fizessem núcleos de enfermagem, talvez mais abrangentes de psiquiatria para pensar nos problemas de psiquiatria do nosso distrito, porque é diferente, uma coisa é nós lermos, e isto é um exemplo, que o doente mental tem estas características assim, assim, outra coisa é pensarmos nisto de acordo com a realidade que nós temos e é nisso que temos que pensar, como é que com as condições que temos, podemos fazer e era aí que se houvesse essa parceria a sério com a escola em termos científicos, em termos de gestão do conhecimento nós conseguia-mos melhorar muito”

“(…) deveriam ser feitos esforços para que aconteçam mais reuniões durante o estágio, eu não sei, penso que a maior parte das avaliações são feitas já em conjunto, a avaliação final, mas seria mais proveitoso que houvesse além da avaliação final, porque a avaliação final não será o momento mais ideal. Eu acho que as coisas como estão era por aí, aproveitar os estágios dos alunos para haver momentos de reflexão conjunta com os professores, os orientadores e o chefe ou o responsável pela orientação dos alunos nas equipas”

**“Pode dar-me uma sugestão para melhorar este processo e transforma-lo numa rede?”**

“Passa por projectos de investigação conjuntos, mas antes disso, por realizar sessões de esclarecimento, (...) sessões de reflexão de partilha acerca destas questões da supervisão de alunos, dos ensinamentos clínicos, (...) acho que se deviam encontrar momentos de partilha e de reflexão em que se discutissem estas coisas

	<p>(...) eu acho que se deveriam criar momentos de reflexão, partilha e os tais projectos de investigação, isso ai era óptimo, até porque já há muitos enfermeiros nas organizações e que são enfermeiros que têm projectos de investigação pelo menos no pensamento e que andam em graus académicos já que os obriga a saber de investigação, em mestrados, se calhar em doutoramentos não, mas em mestrados há. Nós aqui eu não sei contabilizar, mas já há muitos enfermeiros com mestrado, que têm a obrigação científica de pensar em investigação e acho que é uma mais-valia que as escolas poderiam aproveitar”</p> <p><b>“E isso traduzir-se-ia em ganhos conjuntos?”</b></p> <p>“Não tenho dúvidas que se traduzia em ganhos conjuntos quer para a escola quer para os serviços e conseguirmos arranjar linhas de investigação além daquilo que se investiga muito e que eu nunca vi resultados que é os graus de satisfação, em 500 trabalhos 499 são de graus de satisfação e eu nunca vi resultados disso, acho que se devia investigar mesmo naquilo que é a prática dos cuidados, nas coisas que acontecem no nosso dia-a-dia. Devia-mos investigar como é que nós fazemos as coisas, se é preciso alterar um procedimento, será que é preciso? vamos investigar se é preciso. E eu quando digo investigação, não têm que ser trabalhos de investigação pura e dura, não, nem que seja de investigação do que é que foi escrito acerca disto, o que é que está escrito acerca de punções? O que está escrito acerca de transfusões? Vamos investigar, vamos fazer resumos bibliográficos de coisas, investigação também é isto, claro que não é só isto, mas também é isto, vamos procurar conhecimento, porque nós às vezes aqui afastamo-nos um pouco disso, procurar conhecimento e daí era óptimo esta parceria”</p>
<b>OS2</b>	<p>“Ou levar mais pessoas que estão no terreno apresentar, (nem que fosse em seminários), apresentar isso às escolas ou os professores virem ao terreno ver como é que as coisas estão e transportarem os conhecimentos adquiridos, porque há coisas que só mesmo praticando é que se conseguem dominar. Por exemplo em termos do registo informatizado, do SAPE que é o que existe, (poderão existir outros, mas o que existe na prática neste momento é o SAPE) e que para haver um domínio em termos de organização daqueles registos leva muito tempo a construir, não basta saber mexer na aplicação, houve todo um trabalho de parametrização daquela aplicação, que exige um domínio de uma nomenclatura diferente que não é</p>

fácil, conseguir-se”

“Onde eu vejo e acho que é pena não haver mais ... interação, haver mais dinâmica, haver uma experiência mais dinâmica, ainda que talvez as responsabilidades que um professor tem o impeçam disso, onde eu gostaria que houvesse mais dinâmica era na realização de trabalhos entre os professores da escola e os enfermeiros da prestação de cuidados, os enfermeiros da organização, poderiam não ser só os da prestação de cuidados, por exemplo da área da gestão, porque eu penso que por vezes as pessoas que estão no terreno têm algumas limitações em termos de como conduzir uma investigação e penso que os professores da escola têm esse conhecimento. Que poderia ser mais trabalhada esta área, poderia ser mais dinâmica. Não digo que agora todos os professores da escola ou todos os enfermeiros que estão no terreno comessem a fazer trabalhos, não é isso, mas pontualmente, ou enfim ... podia ser mais fomentado o desenvolvimento de alguns, em vez de ser o professor sozinho, envolver algumas das pessoas que estão no terreno, ainda que o professor da escola fosse o orientador, mas envolver. Haveria uma aprendizagem, envolvendo quem está no terreno na identificação de que áreas é que podiam ser trabalhadas, ricas para trabalhos de investigação e os professores eu penso que também ganhariam com isso. ... poderia talvez ser bom para toda a gente, para a profissão porque era gerado conhecimento na sua área nobre, para os professores da escola que se envolviam com os locais do terreno e para os enfermeiros que estão na prestação de cuidados que aprendiam também nessas áreas e talvez tivessem também alguns contributos importantes. Entre a visão de um e a visão de outro eu acho que talvez se conseguissem fazer coisas muito interessantes. Parece-me que ainda não há muito, mas também é a minha visão”

**“E em relação aos trabalhos de que me falou, a investigação o que é que pensa de haver vários agentes das várias organizações a participar?”**

“Acho que seria óptimo. Até por exemplo, se se pretendesse saber como é que as populações, a pessoa reage perante determinada situação de doença, os factores culturais e as tradições que podem influenciar as diferentes formas de actuar perante uma doença, provavelmente o estudo seria mais rico se houvessem agentes em diferentes locais a fazer esse tipo de observação. Não era tão parcelar. E

	mesmo as práticas dos profissionais de saúde até porque as práticas muitas vezes se ajustam às expectativas das populações com quem nós trabalhamos e as expectativas das populações podem ser influenciadas pelos seus usos, tradições, cultura e enfim ... Portanto, quanto mais visões melhor, por isso provavelmente vários agentes participarem seria útil”
<b>OS3</b>	“Com a Escola acho, há uma coisa que já há muito tempo penso nisso, gostava de dar uma ideia de como funcionam hoje os CSP, porque dantes havia aquela ideia que no CS não se trabalha e no hospital se faz muita coisa, nesta altura a ideia já está mais diluída, ou seja, há muito para fazer no CS e também há muito no hospital e se calhar faz-se mais no CS ao nível da prevenção e promoção com a comunidade do que no hospital onde tudo funciona mais à base da aparelhos e da técnica. E às vezes dando uma ideia de como funciona, pelo menos este CS acho que era bom, pelo menos quando vêm iniciar estágios, para terem uma ideia do funcionamento e organização”
<b>OS4</b>	<p>“Sim, porque não, principalmente na área da EpS que é uma área que de certo modo nós profissionais de saúde, naquilo que é o nosso âmbito de competências principalmente no atender e de informar relativamente à intervenção de enfermagem poderá eventualmente ser uma área a desenvolver, por exemplo em projectos desenvolvidos pelos CsS em parceria com a escola, de âmbito comunitário”</p> <p>“Aquilo que me parece para já ser indicado é conhecermos a realidade de cada uma das instituições, conhecer também no fundo como tem sido enfim, os princípios orientadores do estágio, comparar experiências de outros colegas de outras instituições, com outras realidades, creio que poderão ser algumas mais-valias neste processo, isto é aquilo que se faz numa unidade de saúde A, não ser muito diferente em termos de condução de estágios, às vezes as coisas parecem ser muito fáceis, sem suscitar grandes dúvidas, mas depois no terreno a condução e a forma como cada um orienta o processo de estágio, pode não ser efectivamente a melhor forma para a escola, eu creio que era bastante importante esta definição de critérios, pelo menos partilhar alguma experiência ajudaria todo este processo”</p>
<b>OS5</b>	<b>“Nessa sequência [cooperação apenas para o estágio] pensa que a cooperação deveria ser alargada a outros campos?”</b>

	<p>“Eu penso que sim, se calhar conseguia-mos obter grandes resultados se calhar a nível de estudos, a nível de trabalhos de investigação, acho que poderíamos cooperar entre escola e quem está no trabalho prático, ou mesmo através dos alunos conseguirmos conciliar alguns desses trabalhos feitos em parceria”</p> <p>“Por exemplo, poderíamos partilhar, esse tipo ou sei lá de informação que na parte teórica nos podem ajudar e nós que temos outros problemas a nível da prática e entre as duas instituições poderíamos obter alguns resultados nesse aspecto. Nós na prática podemos objectivar melhor as coisas, porque passamos pelos problemas, as situações, as dificuldades que temos e se calhar poderia ajudar ambas as partes, às vezes penso que há trabalhos que se poderiam fazer, que seriam interessantes”</p>
<b>OS6</b>	<p>“Seria sempre positivo porque neste momento a investigação em enfermagem é uma mais-valia que se deveria desenvolver na nossa carreira e que muitas vezes os profissionais das instituições não estão despertos para isso e poderia ser através da escola que estes projectos se poderiam iniciar e serem bastante positivos porque a escola tem a parte da formação, a parte mais teórica e as OsS neste momento possuem uma parte prática que se poderia complementar e ser muito positivo”</p> <p>“(…) existem imensos programas e com intercâmbio com as áreas hospitalares, porque ao fim e ao cabo as áreas hospitalares quer sejam saúde materna, saúde infantil, cardiologia, são áreas que os CSP também trabalham, trabalham de uma maneira diferente, mas que se forem complementadas é uma mais-valia e quer os profissionais do hospital quer do CS deveriam ter conhecimento de todo o funcionamento em rede e que se desse uma resposta cada vez mais efectiva aos utentes. Poder-se-iam desenvolver até projectos conjuntos em certas áreas, em que os CSP assumiam certas áreas em termos de educação, de vigilância de controlo e os hospitais assumiam em termos de tratamento e de reabilitação, mas que nos hospitais soubessem para onde encaminhar, quais são os projectos que estavam em curso nessa área e utilizar-se também nesta área os alunos de enfermagem, a escola que até poderia ser o elo de ligação, como tem alunos nas diversas áreas, poderia ser a escola o elo de ligação entre todo o sistema da rede. Fazer-se reuniões periódicas, seminários, por exemplo se fizessem sobre um tema, por exemplo saúde materna, quais são os recursos, os projectos nessa área a nível do distrito? Ser a escola como que digamos o responsável a nível de formação nesta área e</p>

	<p>fazer o elo de ligação com os hospitais, CsS, ver quais eram os projectos que estavam em curso, podiam-se envolver os profissionais, os alunos, os professores, os enfermeiros chefes das instituições podiam-se nomear alguns profissionais das diversas áreas para avançarem com diversos projectos, acho que seria uma coisa bastante positiva, quer para a comunidade, quer para os próprios profissionais que iriam ser envolvidos em projectos que neste momento ainda não têm essa percepção que seria importante e acho que isto se poderia aplicar perfeitamente á formação em enfermagem no distrito e a escola de enfermagem acho que aqui poderia ter um papel muito importante de ligação entre as instituições que às vezes até estão de costas viradas uns para os outros, porque não percebem que trabalhamos todos com os mesmos objectivos mas em áreas diferentes”</p>
<b>OS7</b>	<p>“Em relação à formação de base, penso que, inclusivamente, deveria haver por parte das instituições prestadoras de cuidados um diagnóstico de necessidades, feito sobre o número e tipo de profissionais que necessitassem no futuro e, serem depois as escolas, a formarem esses profissionais de que as instituições necessitam. Habitualmente isto é feito ao contrário. Já em relação às pós-graduações ou especialidades, aquilo que eu disse para a formação profissional de base, acentua-se ainda mais”</p> <p>“As instituições prestadoras de cuidados de saúde devem colaborar na formação prática dos alunos, mas também o contrário deveria acontecer. Mediante as necessidades das instituições prestadoras, deveriam as escolas, colaborar também. Deveria existir uma integração completa e global de todas as estruturas que estão ligadas à saúde, desde as escolas, aos hospitais e aos CsS”</p> <p>“Mas esse intercâmbio, a ser feito, deveria assentar numa troca constante e recíproca, com base em estudos de investigação, para existir essa complementaridade, entre aquilo que as instituições prestadoras de cuidados necessitam e a formação que escolas deveriam fazer”</p> <p><b>“Gostaria de desenvolver outros projectos conjuntos?”</b></p> <p>“Da minha parte sim. Penso, sobretudo, na área da investigação, de acordo com o que já disse no princípio desta entrevista, seria muito útil. A escola teria um papel muito importante se cooperasse com as instituições ao nível dos CSP em de</p>

trabalhos de investigação, para que fossem investigados alguns problemas de saúde comunitários locais e regionais, nomeadamente, do que seria necessário fazer para melhorar a saúde das pessoas”

**“E como pensa que deveria ser feita essa articulação, quais seriam os contributos de cada uma das instituições envolvidas?”**

“Bem, para já teria que ..., em termos da missão e dos objectivos dos CSP, realizarem um planeamento conjunto. Saber aquilo que se pretende, para onde se pretende ir, e quais são os verdadeiros problemas de saúde em cada uma das comunidades locais (embora no caso do nosso distrito, eles não sejam assim tão diferentes nos diversos CsS), mas há especificidades que poderiam, muitas vezes e em vez de se andarem a fazer trabalhos de investigação a “metro” nas especialidades, em termos dos diagnósticos de saúde que são feitos nos cursos de base [licenciatura]. Se houvesse de facto uma cooperação e um intercâmbio, certamente, que as coisas poderiam ser muito mais reais. Por exemplo, eu lembro-me que já foi feito pela escola da nossa região um diagnóstico de saúde no concelho X, e a instituição prestadora de cuidados não foi chamada a dar qualquer opinião sobre o que se deveria investigar...! Portanto foi a aplicação de um questionário tipo “chapa 5”, como se costuma dizer, e “ala que aí vai”. É lógico que esse tipo de trabalho não é importante em nada para as instituições prestadoras de cuidados, porque, efectivamente, nada diagnosticou e nós ficámos exactamente como estávamos. Aquilo que seria importante, era saber quais são as dúvidas e os problemas actuais das organizações e depois os alunos poderem contribuir com..., porque estão numa situação de grande disponibilidade, para se investigarem uma série de problemas em saúde e, naturalmente, se encontrarem alguns caminhos futuros para se poder actuar. Mas para isso teria que haver cooperação e planeamento conjunto, e que a investigação não seja apenas, o investigar por investigar, muitas vezes de problemas há muito solucionados. Em relação às especialidades a mesma coisa. Naturalmente, muito mais num determinado âmbito, da área em que as pessoas se estariam a formar, mas fazer trabalhos de investigação sobre aquilo que interessa ou que se pense que sejam os verdadeiros problemas, e não apenas a aplicação de questionários já “cozinhados”..., já que nós em termos de investigação nas próprias instituições temos algumas



dificuldades em os fazer, porque os recursos humanos quase sempre são escassos. Seria um aproveitar dos alunos e da orientação dos próprios técnicos e professores, que poderiam dar um contributo muito grande para podermos avançar em termos da melhoria dos cuidados de saúde das pessoas, e os alunos aprendiam na mesma”

“E teriam respostas para algumas dúvidas que têm e para uma série de problemas. Repare... sabe lá, tanta coisa! Na área dos CSP, por exemplo, a alimentação dos recém-nascidos, as doenças transmitidas sexualmente, a da saúde escolar, o exercício físico, as causas da obesidade, uma série de hábitos e estilos de vida; no caso das pessoas com mais de 65 anos, era um mundo muito maior que poderíamos investigar, desde a continuidade de cuidados e dos problemas que se põem a essa continuidade, a utilização correcta dos serviços de saúde etc. Certamente, teríamos uma série de ferramentas que nos poderiam, no futuro, quando feitas especificamente para aquela comunidade, nos poderiam deixar actuar com mais certeza, com base em problemas identificados e não com base em percepções ou programas de saúde verticais”

“Evidentemente, que “saber-saber” é fundamental, mas o “saber-fazer” e o tal “saber-estar”, também são basilares para completar o conjunto das competências em enfermagem. Em minha opinião, nós temos, um bocado esta situação de termos nas instituições de ensino, pessoas que têm uma grande competência do “saber-saber”, nas instituições prestadoras de cuidados termos as pessoas do “saber-fazer” mas falta-nos a junção para conquistarmos o “saber-estar”. Naturalmente que isto poderia ter uma dinâmica mais activa e um intercâmbio muito maior; naturalmente esta ligação à escola, inclusivamente a formação em serviço ou a formação contínua, poderia e deveria ter uma ligação às escolas”

**“E com uma grande articulação entre os intervenientes? Professores e enfermeiros?”**

“Precisamente (se é que não deveriam ser os mesmos), era fundamental existir uma ligação constante, com objectivos concretos e comuns, com missões conjuntas, que é o bem-estar das pessoas. As escolas a conhecerem o que as instituições precisam; e as instituições também saberem o que está a ser ensinado nas escolas. Eu penso que isso era possível e no nosso caso, com a proximidade que temos e sendo tão poucos, isso não seria muito difícil”

OS8

“Os professores da escola foram antes de tudo enfermeiros, viveram essa realidade e a sua carreira evoluiu para o ensino esse desenvolvimento conduziu a um afastamento das práticas, a um maior desenvolvimento na parte teórica, a um aprofundar das teorias e da própria investigação, que é aí mais desenvolvida. Os enfermeiros que fizeram a sua carreira na prática clínica, têm uma prática de muito valor e também com desenvolvimento teórico porque também fazem formação em serviço, actualizações, etc., mas muitas vezes afastado do próprio ensino de enfermagem. Os enfermeiros dos serviços muitas vezes não vão buscar o desenvolvimento das práticas só às escolas de enfermagem, a base foi da escola, mas depois o desenvolvimento é em reuniões de serviço, formação em áreas específicas, metodologias de trabalho que vêm muitas vezes dos próprios gabinetes de formação dos serviços, do ministério, da Direcção Geral, e só algumas vezes das escolas e de congressos. Recebemos ainda enfermeiros de várias zonas do país, que trazem experiências completamente diferentes. Logo penso que poderia haver uma maior aproximação das escolas aos locais de trabalho, isto é, à realidade dos diferentes CsS e às suas práticas”

**“Considera que deveria haver uma maior aproximação da escola aos CsS?”**

“Sim, aos CsS e hospitais, aos enfermeiros que recebem alunos, deveriam existir mais reuniões, até actividades formativas não só promovidas pela escola mas se calhar até quando existem formações nos próprios serviços, por exemplo falando de actividades específicas de tratamento de feridas, terapias compressivas, os materiais, se calhar quando existem formações internas dos serviços, não seria má ideia convidar também os enfermeiros que são professores na escola para perceberem como estamos a evoluir em termos de prática. Como seria também benéfico uma maior aproximação dos serviços às escolas em trabalhos por exemplo de investigação”

“Aproveitando o facto da escola estar numa região onde existe uma estrutura de saúde que pretende trabalhar em articulação e unida, permitindo o desenvolvimento e o aproveitar dos diferentes recursos, eu acho que era uma óptima oportunidade para a escola se inserir. E posteriormente desenvolver trabalhos conjuntos e até investigação, relacionada com as próprias práticas, porque nós temos a experiencia pratica e a escola a teórica e se juntasse-mos essas

	duas vertentes iríamos desenvolver determinados trabalhos importantes”
<b>OS9</b>	<p>“(…) nós às vezes necessitávamos do apoio cá está do professor, que tem toda a parte científica que nos podia dar essa ajuda e como nós conhecemos o terreno, poder-se-iam desenvolver trabalhos conjuntos, envolvendo ou não os alunos, seria até proveitoso para a população”</p> <p>“Eu penso que a escola poderia desenvolver outros trabalhos e projectos em parceria com os CsS e com os serviços de saúde, nós com o conhecimento do terreno penso que poderíamos contribuir e seria uma mais-valia, para nós para os serviços, para a escola e para a população, acho que esses trabalhos eram muito importantes e podiam-se fazer trabalhos muito importantes se houvesse essa parceria”</p> <p>“(…) um ponto forte de um contacto mais estreito entre todos nós, seria efectuar reuniões, e mesmo em termos de trabalhos era importante juntarmo-nos, esta rede de instituições elaborar trabalhos em conjunto”.</p>
<b>OS10</b>	<p>“(…) nós às vezes temos uma certa dificuldade e gostaríamos por exemplo de fazer diagnósticos de saúde e por falta de recursos nunca foi possível e se calhar daqui para o futuro era bom que fossem feitos em partilha com a escola”</p> <p><b>“E pensa que deveriam ser envolvidas as várias OsS ou não?”</b></p> <p>“Se calhar sim porque as realidades são muito semelhantes, se calhar seria mais produtivo com a partilha de experiências”</p>
<b>OS11</b>	<p>“(…) deveria ser melhorada [comunicação com a OE], principalmente, agora vem o processo de Bolonha e falta-nos ter conhecimento do currículo, não estamos informados, falta-nos isso e deveríamos ter reuniões ao longo do estágio, não só prévias e finais”</p> <p><b>“Essas reuniões, considera que deveriam ser só entre a escola e o CS ou entre a escola e as várias organizações que estão envolvidas [no estágio]?”</b></p> <p>“Deveria ser entre todas, porque realmente, para termos critérios comuns, e também para nós, para melhorarmos a nossa atitude”</p> <p><b>“Disse-me que os enfermeiros gostariam de ter outras retribuições pelo facto de terem alunos, que outras retribuições pensa que poderiam ser dadas?”</b></p>

	<p>“Poderiam ser até na área da formação, nós necessitamos sempre de actualizar conhecimentos, há técnicas que se vão modificando, há conceitos que hoje são verdade amanhã já estão modificados, haver por exemplo de vez em quando uma sessão sobre determinado tema aberta à participação dos enfermeiros da escola e dos CsS ou virem cá trabalhar um tema em conjunto”</p>
OE	<p><b>“Falou-me em trabalhos de investigação, pensa que seria benéfico conduzir trabalhos de investigação conjuntos?”</b></p> <p>“Acho que sim, até acho que poderiam estar envolvidos os professores da escola em termos da parte conceptual e depois na parte de operacionalização, quer na parte de colheita de dados poderão estar envolvidos quer os enfermeiros dos locais da prática, como os nossos alunos inclusivamente, penso que se os nossos alunos se estiverem lá a fazer a prática que deverão estar envolvidos, dentro dos conhecimentos que eles têm também deverão ser uns actores activos, elementos activos nesses estudos, não só porque os ajuda a perceber e colocar em prática os conhecimentos teóricos que adquiriram na escola durante o período teórico e ao mesmo tempo sentem-se mais envolvidos em toda a parte da formação e naquilo que afinal de contas os locais podem oferecer”</p> <p><b>“Considerando os benefícios para os alunos, considera que isto poderia também trazer benefícios para as próprias organizações envolvidas?”</b></p> <p>“Acho que sim é indiscutível, promovia uma maior aproximação, maior envolvimento, partilha e transmissão de conhecimentos”</p> <p>“Eu já disse praticamente o que achava ao longo da entrevista, mas penso que o primeiro paço e que tem de alguma forma isto ser reactivado foi o que nós fizemos quando demos a conhecer aos nossos parceiros que o nosso curso superior de enfermagem tinha sido adequado a Bolonha, aquele encontro que foi feito com os enfermeiros directores ou com os adjuntos, dando-lhe a conhecer as transformações que o curso sofreu e como iria ser quando fosse “Bolonha puro”, quando os nossos alunos já não estivessem em período de transição, eu penso que isso tem que ser retomado, e a partir daí, e de uma forma mais periódica e aí vem a sistematização, de uma forma mais periódica, mas com o comprometimento de ambas as partes, porque nós às vezes, aquilo que acontece, estamos cheios de boas</p>

intenções ao princípio e depois as coisas vão-se diluindo no tempo, e penso que é esse trabalho que tem que ser feito. E acho que também a nível interno provavelmente a nível do conselho científico arranjar também uma estratégia em que todos os anos não estejam também, quando é a distribuição do serviço docente, que cada ano não seja um elemento de determinada vertente a orientar aquele grupo de alunos, isto porquê? Porque se nós queremos que haja uma continuidade, ou o colega que vem a seguir está muito por dentro do trabalho que está a ser desenvolvido ou então não está envolvido no trabalho da forma que o primeiro elemento efectuou, mas isso eu também tenho que pensar a forma como devemos fazer”